



**Un Segundo Hogar:
Arquitetura e educação para a Infância
Migrante no bairro Brás**

Autora:
María Ximena Peralta Falla

Trabalho apresentado como requisito para
a obtenção do título de arquiteta com
menor em arquitetura sustentável

Tutores:
Juan Pablo Aschner e Maíra Rios

Facultad de Creación
Arquitetura
Universidad del Rosario

Bogotá/São Paulo – Colômbia/Brasil

2025

UM SEGUNDO
HOGAR



UM SEGUNDO
HOGAR

XIMENA PERALTA



**UM SEGUNDO
HOGAR**

**Un Segundo Hogar:
Arquitetura e educação para a Infância Migrante no bairro Brás**

María Ximena Peralta Falla
Trabalho de Conclusão de Curso
Projeto Integrador
2025 - I

No âmbito da Dupla Titulação entre
Universidad del Rosario / Colômbia
Escola da Cidade / Brasil

Orientadora Ec
Maira Ríos

Orientador Facrea
Juan Pablo Aschner

Palavras-chave
Arquitetura pré-escolar; Relação solo-cobertura; Seção
habitada; Interculturalidade; Refúgio; Design de mobiliário

Nota de aceitação

Banca examinadora

Banca examinadora

Banca examinadora

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais que sempre estiveram ao meu lado, nunca se cansaram de me apoiar nem de demonstrar o quanto estão orgulhosos de mim. Obrigada pelas noites sem dormir juntos, por serem meus maiores fãs, por serem meus jurados mais importantes. Nunca vou me cansar de repetir o quanto sou grata por tê-los na minha vida. Tornaram essa jornada incrível. Obrigada por me acompanharem nessa montanha-russa. Amo vocês.

Agradeço à minha professora Gloria Serna, que desde o início me ensinou a viver e sentir a arquitetura, e me incentivou a viajar para o Brasil. Sem sua motivação e apoio, eu não estaria aqui.

Santiago Sánchez, que além de amigo, sempre foi um excelente guia, paciente e disposto a ensinar e aconselhar.

Trabalhar com ele me deu grande parte das ferramentas que hoje possuo como profissional. Obrigada por estar sempre presente.

Alejandro Piñol, que acompanhou meu processo desde o primeiro semestre e nunca duvidou da minha capacidade. Obrigada por acreditar em mim e confiar que isso se tornaria realidade, pela empolgação, entusiasmo e gestão para que eu fizesse parte da primeira turma da dupla titulação entre a Universidad del Rosario e a Escola da Cidade. Sem você nada disso seria possível.

Agradeço também aos meus orientadores, Maira e Juan Pablo, que estiveram comigo durante esses seis meses, toda semana, ensinando, ouvindo e aconselhando. Obrigada pelo compromisso com o projeto.

Finalmente, agradeço a mim mesma. Sei o quanto foi difícil chegar até aqui e o quanto sonhei com este momento de encerramento de um ciclo tão importante. Estou muito orgulhosa.

São Paulo, junho de 2025

Resumen / Sumario

Este proyecto surge a partir del interés por los *niños como actores urbanos*, con una escala distinta, son observadores curiosos, inocentes y experimentales. Su manera de habitar la ciudad da origen a esta propuesta: *un jardín infantil para niños y niñas migrantes de 3 a 6 años en el barrio de Brás, São Paulo*; zona con alta presencia de población migrante, proveniente de Bolivia y Haití, en su mayoría, vinculada a la industria y *comercio textil*.

En el marco del convenio de la doble titulación entre Colombia y Brasil, se establece una comparación entre las *arquitecturas preescolares* a través de visitas a parques públicos, plazas y jardines infantiles ubicados en barrios del centro de São Paulo y la observación directa de niños y niñas migrantes que asisten (o dejan de asistir) estos espacios.

Los registros, plasmados en *dibujos, acuarelas y collages* en un diario de campo, permiten traducir la experiencia infantil del espacio urbano al diseño arquitectónico.

Proyectar un jardín infantil, que funcione como un *“segundo hogar”* respondiendo a necesidades pedagógicas y favoreciendo el arraigo, la integración y el derecho a la educación de la infancia migrante desde la arquitectura, es el objetivo central del proyecto. Se toman como referentes metodologías como Reggio Emilia y escuelas locales visitadas en São Paulo, abordando la *distribución, iluminación, colorimetría, materiales, mobiliario* y aspectos culturales y ambientales.

Así, Un Segundo Hogar responde a la *falta de acceso a espacios educativos de muchos niños migrantes que viven en Brás* por diversas cuestiones, incluyendo las dinámicas laborales y la falta de tiempo

de sus cuidadores. Además, incorpora dentro del *edificio/galpón* elementos de la ciudad como *la plaza, los jardines* y el parque a los que también tienen derecho.

Es un manifiesto sobre las *arquitecturas educativas* que deberían ser ofrecidas a esta población en barrios populares de una ciudad tan densa como São Paulo.

Este projeto surge a partir do interesse pelas *crianças como atores urbanos*, com uma escala distinta – são observadoras curiosas, inocentes e experimentais. Sua forma de habitar a cidade dá origem a esta proposta: *um jardim de infância para crianças migrantes de 3 a 6 anos no bairro do Brás, em São Paulo* – uma região com alta presença de população migrante, majoritariamente proveniente da Bolívia e do Haiti, vinculada à indústria e ao *comércio têxtil*.

No âmbito do convênio de dupla titulação entre Colômbia e Brasil, estabelece-se uma comparação entre *arquitecturas pré-escolares* por meio de visitas a parques públicos, praças e jardins de infância localizados em bairros da região central de São Paulo, além da observação direta de crianças migrantes que frequentam (ou deixam de frequentar) esses espaços.

Os registros, expressos em *desenhos, aquarelas e colagens* em um diário de campo, permitem traduzir a experiência infantil do espaço urbano em projeto arquitetônico.

Um jardim de infância que funcione como um *“Segundo Hogar”*, respondendo a necessidades pedagógicas e promovendo o pertencimento, a integração e o direito à educação das infâncias migrantes por meio da arquitetura, é o objetivo

central do projeto. Foram adotadas como referência metodologias como a Reggio Emilia e escolas locais visitadas em São Paulo, abordando aspectos como *distribuição espacial, iluminação, paleta de cores, materiais, mobiliário*, além de elementos culturais e ambientais.

Assim, Um Segundo Hogar responde à falta de acesso a espaços educativos por parte de muitas crianças migrantes que vivem no Brás, devido a questões como as dinâmicas de trabalho e a falta de tempo de seus cuidadores. O projeto incorpora ao *edificio/galpão* elementos da cidade como a praça, os jardins e o parque, espaços aos quais essas crianças também têm direito.

É um manifesto sobre as *arquitecturas educacionais* que deveriam ser oferecidas a essa população em bairros populares de uma cidade tão densa como São Paulo.

ÍNDICE

01 Introdução

02 Justificativa: A Origem de uma Intenção

03 Objetivos: Arquitetura do Enraizamento

04 Enfoque: Habitar o modo de fazer

05 Un Segundo Hogar: O Projeto

06 Conclusiones

07 Bibliografía

- A. Metodologia Geral
- B. Análise Urbana - Largo da Concórdia
- C. Sobre o Terreno Escolhido
- D. Referências que Dão Forma

- A. Sonhando Espaços: O Programa Arquitetônico
- B. Do Programa à Realidade: Plantas do Projeto
- C. Especificações Técnicas
- D. Imaginários Atmosféricos
- E. Proposta de Mobiliário

01

Introdução



Um Segundo Hogar: Arquitetura para a infância migrante, é um projeto para um jardim de infância concebido para crianças de 3 a 6 anos pertencentes a populações migrantes e refugiadas do bairro do Brás, em São Paulo, Brasil. Este projeto surge como uma resposta e um manifesto frente à carência de espaços educativos acessíveis e sensíveis à realidade de uma população que vive e trabalha no entorno da Praça do Largo da Concórdia; população composta por um número elevado de migrantes bolivianos e haitianos, que habita um ambiente urbano denso, desenvolvendo atividades de comércio têxtil, em sua maioria, por meio da *informalidadad laboral*.

Concomitantemente, busca-se romper com o modelo educacional tradicional, que raramente considera as necessidades de populações tão complexas quanto esta e que, por vezes, não garante plenamente o desenvolvimento cognitivo, motor e emocional das crianças que enfrentam realidades difíceis, como o deslocamento de seus lares e culturas de origem para migrar a outros países em busca de melhores oportunidades de vida — o que frequentemente implica mudanças de costumes, cultura e até idioma.

Desde a arquitetura, Um Segundo Hogar propõe-se a ser um espaço que une o pedagógico—enquanto ambiente de aprendizagem—ao afetivo e sensível—enquanto resposta à experiência migratória, funcionando, assim, como uma *extensão do lar* e dos territórios de origem dessas crianças. Com o intuito de fomentar o *enraizamento* em uma nova realidade e o *sentimento de pertencimento* a um novo habitat, propõe-se um projeto sensível à *escala da primeira infância*, que incorpora elementos do entorno imediato como *jardins, áreas verdes, espaços abertos,*

água, arcia — e, em geral, todos os componentes característicos de uma praça ou parque, como o próprio Largo da Concórdia.

Uma estrutura de pórticos formada por colunas e vigas de *hconcreto armado* compõe a malha principal do projeto, enquanto uma *treliça espacial metálica* articula a cobertura, especialmente desenhada para permitir a entrada de luz natural nos *jardins internos* que animam o espaço. Este elemento leve e permeável estabelece um diálogo direto com a arquitetura industrial de *galpões* típica do entorno.

Além disso, o uso de *passarelas metálicas* que interagem com os *desníveis e variações de altura* dos módulos de concreto forma a *circulação horizontal* do projeto. A *circulação vertical* é organizada por três elementos principais: dois lances de escadas abertas que permitem a visualização do entorno, elevadores acessíveis para pessoas com mobilidade reduzida e um Tobogã *exclusivo para o uso infantil*, que conecta os diferentes andares ao nível térreo, ativando o *Pátio Coração* de Um Segundo Hogar. Esta solução dialoga diretamente com metodologias pedagógicas como a Reggio Emilia, integrando espaço e aprendizagem.

Um Segundo Hogar é, em sua essência, um manifesto arquitetônico sobre o *direito da infância migrante ao acesso a espaços educativos dignos* em metrópoles do Cone Sul, como São Paulo e Bogotá.



02

A Origem de
uma Intenção



Justificativa

Uma análise detalhada e aprofundada do bairro Las Cruces, em Bogotá, Colômbia, e a proposta de um projeto de Habitação de Interesse Social/ equipamento público, o interesse pelas dinâmicas migratórias no Brasil, a fascinação pelas dinâmicas urbanas das crianças nas grandes cidades e o apreço pela arquitetura educacional infantil no contexto específico de São Paulo, Brasil, são os quatro pilares que justificam a inclinação temática do presente projeto.

Em primeiro lugar, destaca-se um estudo desenvolvido pela mesma autoria durante o segundo semestre de 2024, que resultou na proposta de um edifício localizado na UPZ95 da cidade de Bogotá, no bairro Las Cruces; cujos principais usos eram os de Habitação de Interesse Social nos andares superiores, além de dois espaços disponíveis para o uso público por crianças e por pessoas em situação de rua, respectivamente. Identificaram-se dinâmicas urbanas interessantes e singulares do bairro, como a convivência entre as duas populações-alvo já mencionadas, nas quais os limites entre segurança e perigo se mostram difusos.

A pesquisa revelou como essas dinâmicas são influenciadas pelos equipamentos educacionais públicos e privados do bairro, pela existência de hospedagens diárias precárias (pagadiários), e pela situação dos migrantes, que constituem parte fundamental do desenvolvimento do presente projeto. A iluminação insuficiente e as áreas de alta insegurança impactam diretamente a forma como as pessoas, especialmente as crianças, utilizam e se apropriam dos espaços da cidade.

Em segundo lugar, destaca-se o interesse pelas dinâmicas migratórias. Além das evidências coletadas em Dissolute sobre as dinâmicas migratórias de

famílias venezuelanas para Bogotá, existem milhões de casos ao redor do mundo, especialmente no Sul Global, que demonstram tratar-se de uma problemática mundial. Como é evidente nas fontes de coleta de dados da Polícia Federal, trata-se também de uma realidade presente no Brasil, um dos países com maior presença migratória e de refugiados na América do Sul.

O grande fluxo migratório em direção aos Estados Unidos e a alguns países da Europa; a vasta extensão territorial do Brasil; suas normas e políticas públicas migratórias que são referência internacional — pela flexibilidade e acolhimento a diferentes populações estrangeiras e pela qualidade dos equipamentos públicos disponíveis (CRAI, CEDESP, CCA, CJ) — são algumas das razões que explicam a grande incidência de situações administrativas irregulares de famílias com crianças em São Paulo.

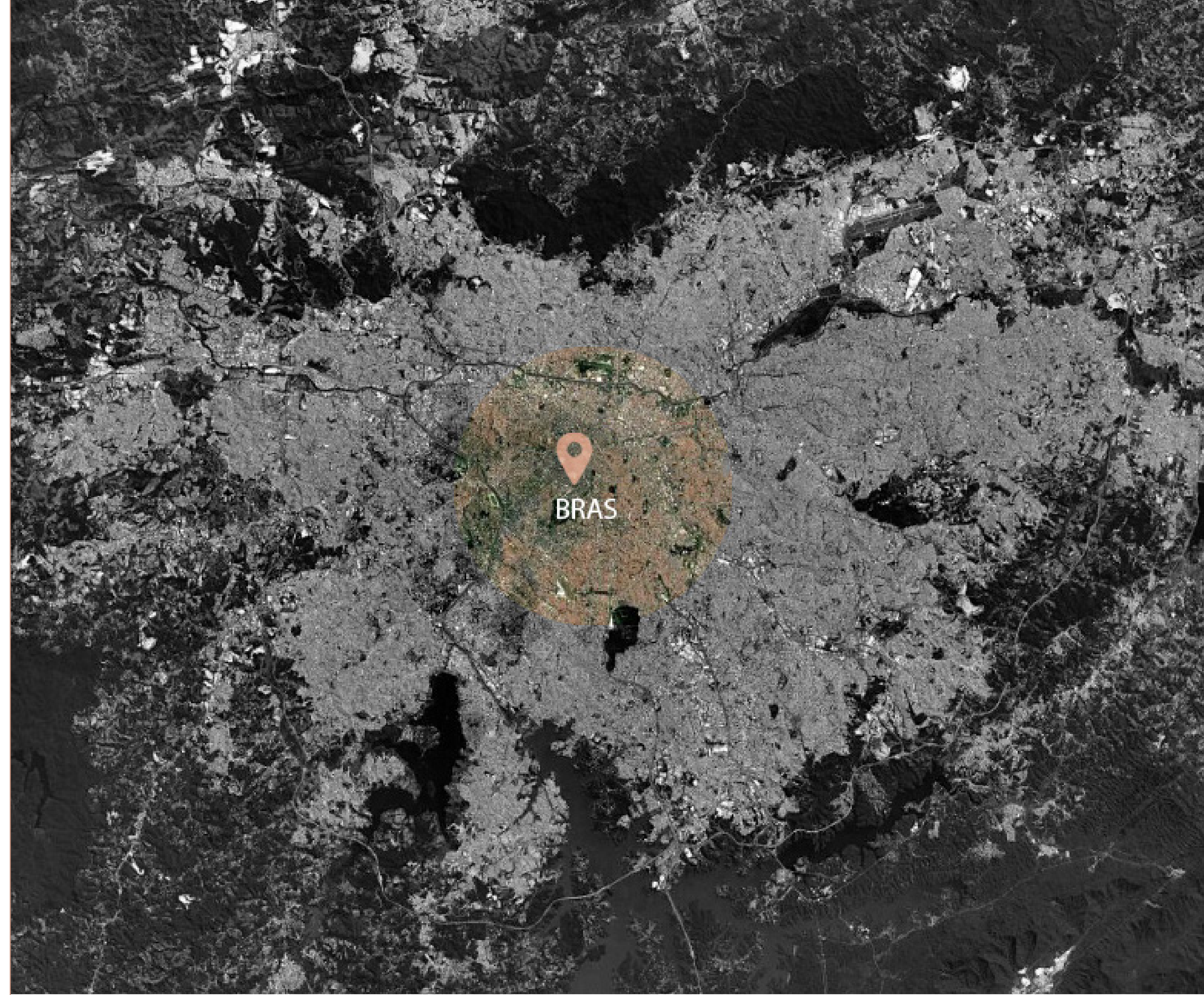
Em terceiro lugar, há um forte interesse pelos comportamentos das crianças nas grandes cidades, tomando como exemplo a iniciativa Las Motocas, realizada por uma escola da subprefeitura da Sé, no bairro da República, na cidade de São Paulo. Serão tomados como referência A Cidade e a Criança, de Mayumi Souza Lima, e as escolas-parque de Anísio Teixeira, dada a forte presença de pesquisas relacionadas à atuação das crianças em contextos urbanos densos como os de Bogotá e São Paulo, assim como O Direito à Cidade, de Henri Lefebvre, e A Cidade do Cuidado, de Izaskun Chinchilla.

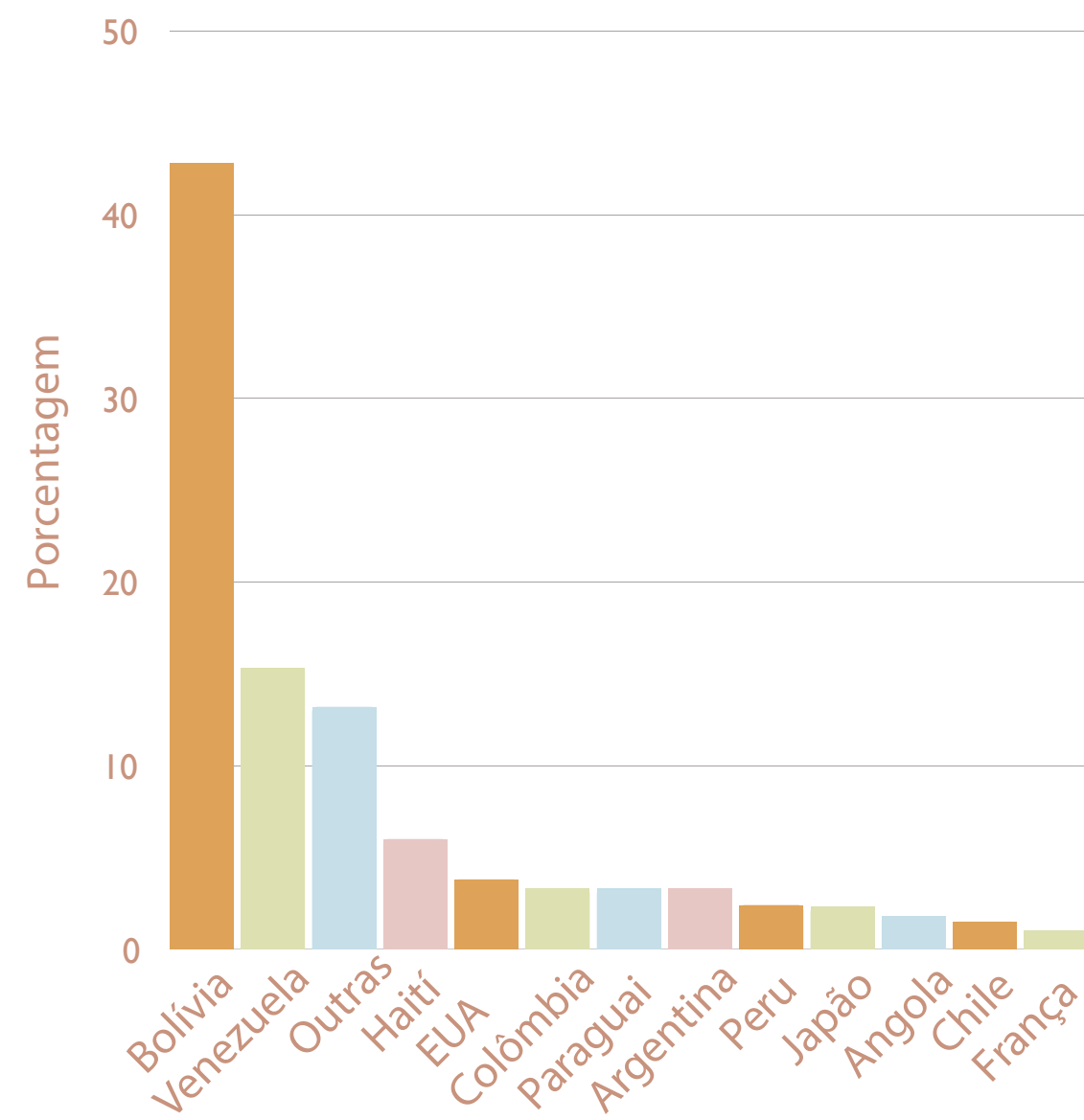
Por fim, a arquitetura educacional infantil, ou mais precisamente, a arquitetura de pré-escolas, desempenha um papel fundamental na formulação e produção deste projeto, pois representa o resultado final do fio condutor entre

os demais pilares mencionados. Esta seção, que culmina na proposta final da pesquisa, baseia-se na metodologia de Reggio Emilia, analisada em obras como A Procura da Dimensão Perdida: Uma Escola de Infância de Reggio Emilia, de Giordana Rabitti (1999), para a concepção e o desenho dos espaços de Um Segundo Hogar, um jardim infantil para crianças migrantes no bairro do Brás, onde são abordadas temáticas como a distribuição espacial, a iluminação, a colorimetria e o design do mobiliário.

Diversos projetos já construídos compõem o repertório de referências, como o Jardim Porvenir, de Giancarlo Mazzanti, na Colômbia, que também apresenta uma metodologia de concepção de programas para espaços educativos. Outro exemplo é a pré-escola do Colégio Los Nogales em Bogotá, do escritório TAB Arquitetos; The Wish School, do escritório Garoa, em São Paulo; ou ainda o Fawood Children's Centre, em Londres, do estúdio ALLDesign.

Assim, por meio da proposta de um jardim infantil como equipamento público, busca-se criar um marco que permita compreender melhor como a arquitetura pode influenciar as experiências urbanas das crianças — especialmente daquelas que não nasceram nessas cidades e que enfrentaram o processo migratório por diferentes razões. Este projeto é um convite à observação e à escuta, mais do que à imposição de respostas, propondo um retrato honesto que permita visibilizar e dialogar sobre as problemáticas urbanas relacionadas à primeira infância enfrentadas pelo bairro do Brás, em São Paulo.





Países de origem de crianças migrantes - São Paulo matriculadas na educação infantil (0-6 anos)

Fonte: INEP (2021), elaboração própria

Matrículas de crianças migrantes por etapa de ensino - Estado de São Paulo

Etapa de Ensino	Nº de matrículasP	Porcentagem
Creche	2.590	43,7%
Pré-escola	3.334	56,3%
Total	5.924	100%

Fonte: INEP (2021), elaborada pelas autoras.

Destaca-se ainda, nesta justificativa, o enfoque específico na primeira infância como uma população em constante transformação e sua relação intuitiva com o espaço.

Esse enfoque orientou três explorações acadêmicas e profissionais distintas da autora, voltadas à criação de ambientes que reconhecem as necessidades físicas, emocionais e simbólicas das crianças, mediante soluções arquitetônicas sensíveis e contextualizadas em diferentes escalas e territórios de intervenção, tanto em Bogotá quanto em São Paulo.

1

Belén Modular

No centro de Bogotá, módulos em madeira reciclada foram propostos como espaços temporários de encontro, brincadeira e aprendizagem, em contextos urbanos emergenciais como o bairro Belén



2

Jardim Sensorial

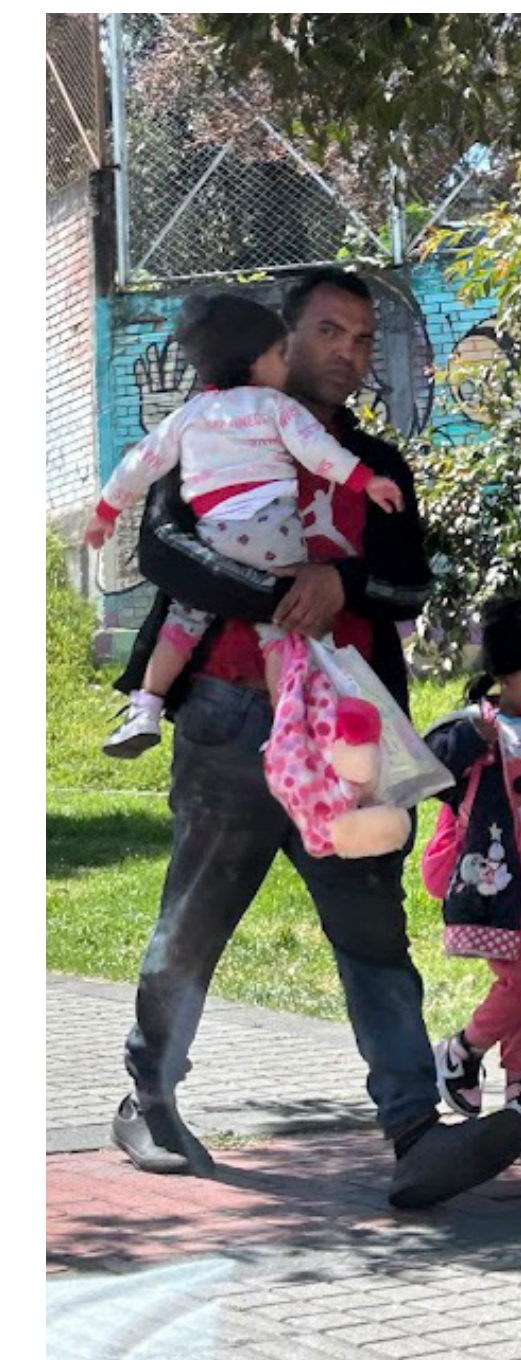
A incorporação de texturas, sons, aromas e materiais naturais em um ambiente projetado para fomentar a exploração livre, a percepção consciente e o vínculo afetivo com o entorno pelas crianças de uma escola no bairro do Brás, em São Paulo.



3

Dissoluto

O projeto de um centro infantil de cuidados diurnos, do tipo creche, integrado a uma habitação de interesse social. Esta proposta, que explora a convergência entre habitar e cuidar, constitui uma resposta às dinâmicas observadas no bairro Las Cruces, em Bogotá.



03

Objetivos:
Arquitetura do
Enraizamento



Objetivo Geral

Desenvolver uma creche para crianças migrantes de 3 a 6 anos na cidade de São Paulo, concebida como um espaço de crescimento, aprendizagem, lazer e bem-estar.

Esse ambiente buscará *fortalecer* o senso de enraizamento e pertencimento por meio do projeto arquitetônico, fundamentado em metodologias pedagógicas como a Reggio Emilia, descrita na obra de Giulio Ceppellin e Michele Zini.

Tais influências se *traduzirão* na configuração de espaços abertos, no uso da luz natural, na seleção de cores, mobiliário, acabamentos e materiais, *garantindo* que o projeto atenda tanto às necessidades infantis quanto às especificidades de seu contexto urbano migratório.

A *observação* de espaços preexistentes, a *representação manual* das informações obtidas, a análise de referências, a leitura de textos que abordam temáticas relacionadas à infância, às cidades e à migração, facilitarão a *compreensão* dessas *dinâmicas* e a *construção deste novo espaço*.



Objetivos específicos

1. *Analisar* o bairro do Brás sob as dimensões espacial e social, com foco nas dinâmicas das crianças que habitam a região, na distribuição de serviços, nos fluxos migratórios e nas carências de infraestrutura voltada à infância.

2. *Estabelecer* critérios de projeto arquitetônico baseados em referências pedagógicas, urbanas e culturais próprias de São Paulo, que respondam as necessidades de desenvolvimento emocional e físico da infância migrante em contextos densamente povoados.

3. *Projetar* uma creche que funcione como articuladora entre os espaços internos e externos por meio de jardins internos e uma praça central, promovendo o enraizamento e o senso de pertencimento das crianças e suas famílias que vivem nos arredores do projeto.

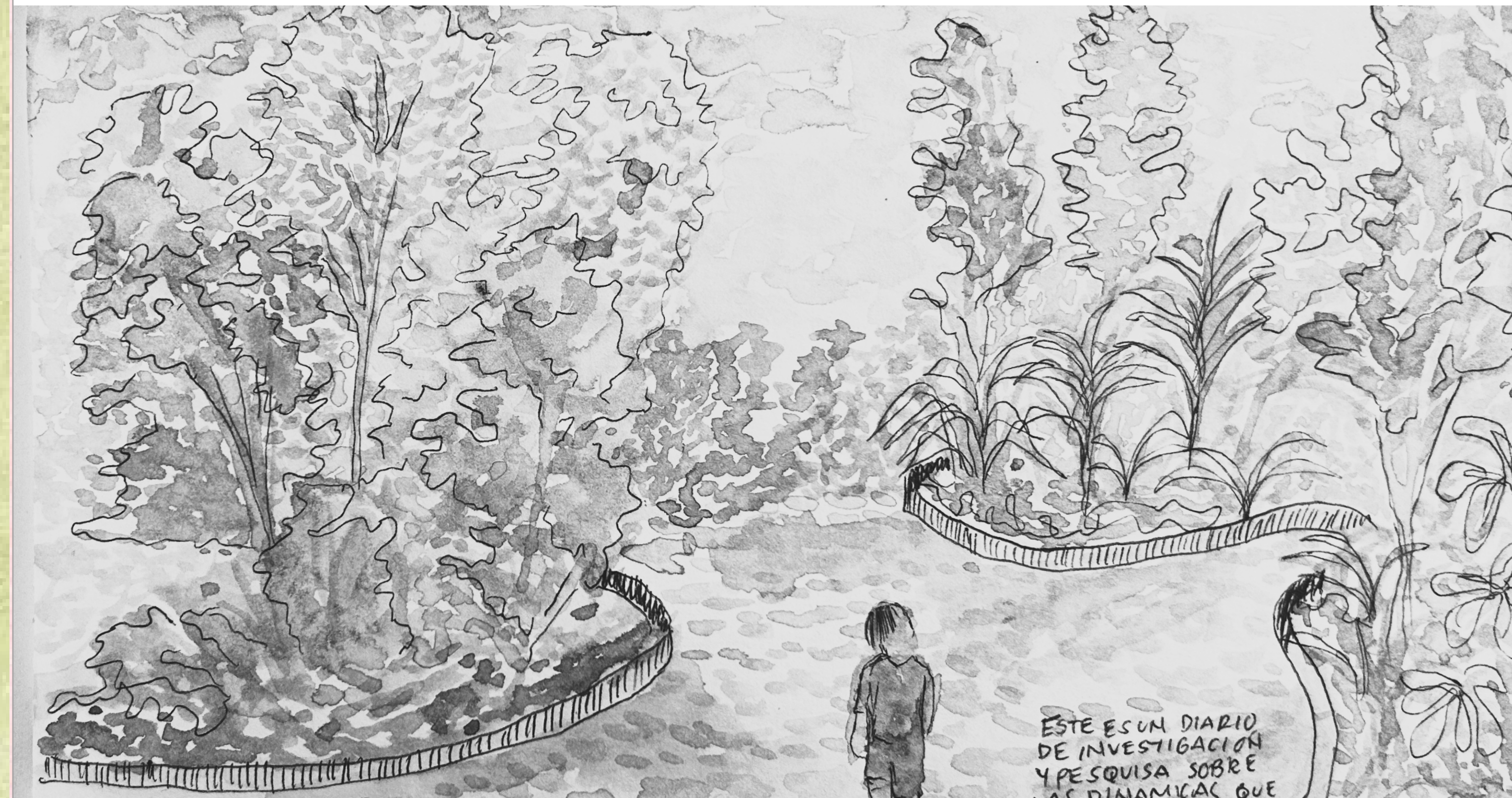
4. *Explorar* configurações espaciais que incentivem a autonomia infantil e o desenvolvimento cognitivo por faixa etária, através de uma escala média: relações de alturas, distâncias e visuais gerais proporcionadas pela circulação vertical e horizontal; e uma escala reduzida: relações entre o mobiliário, espelhos, cores, tecidos, janelas e elementos pensados na escala da criança.

5. *Investigar e aplicar* sistemas construtivos que dialoguem diretamente com o contexto urbano do bairro e dos edifícios vizinhos ao terreno selecionado, como treliças espaciais e a integração de vigas e pilares em uma nave geralmente disposta em planta retangular longitudinal. Além disso, aplicar materiais diretamente relacionados ao contexto ambiental e ao uso comercial têxtil do bairro, utilizando o edifício como uma memória material e técnica do Brás.



04

Enfoque:
Habitar
o modo
de fazer



A combinação entre uma *metodologia sensível e uma abordagem técnica* resultou na análise adequada para propor um espaço educativo voltado a essa população. Por um lado, foram empregadas *técnicas suaves* que buscavam um diálogo direto com a linguagem infantil, como *colagens, aquarelas, desenhos manuais e fotografia* — elementos que serão apresentados ao longo deste capítulo; por outro, *visitas de campo* a escolas e organizações da prefeitura de São Paulo e entrevistas com diferentes servidores públicos contribuíram com *uma perspectiva mais técnica*.

Dentre esses entrevistados, destaca-se María Fernanda Vargas, diretora do *CRAI São Paulo (Centro de Referência e Atendimento ao Imigrante)*, um espaço que oferece assessoria jurídica, apoio psicossocial e cursos de capacitação para migrantes, que enfatizou a importância de haver um espaço de acolhimento para essas populações, especialmente para famílias com várias crianças. São incluídos dados bibliográficos que expressam quantitativamente a magnitude do fenômeno migratório em São Paulo.

Destaca-se também Marina Reinoldes, ex-servidora do *ESF (Estratégia Saúde da Família)*, programa de atenção primária à saúde que articula profissionais médicos e agentes comunitários nos bairros, que forneceu informações amplas sobre políticas públicas voltadas a essa população. Ela também indicou espaços que deveriam ser incorporados ao programa da creche, como o núcleo de migrantes — espaço com serviços de *orientação jurídica, acompanhamento psicológico, área para exposições culturais* denominada “Espaço de Troca Cultural”, além de uma *enfermaria* destinada ao atendimento de primeiros

socorros de crianças que chegam ao espaço em condições de saúde não ideais.

As *entrevistas* com os professores Claudio Neto da *E.M.E.F. Espaço de Bitita* (Sé) e Livia Arruda da *E.M.E.I. Armando de Arruda Pereira* (República) forneceram dados *pedagógicos e espaciais* valiosos, além de *experiências vividas* dentro das escolas, que recebem crianças de várias faixas etárias, mas que compartilham um mesmo fenômeno: o elevado número de crianças migrantes provenientes da *Bolívia, Haiti, países africanos e até do Oriente Médio*.

Tais relatos demonstram que este projeto foi pensado não apenas com base em *normas funcionais*, mas também a partir das *vivências reais* daqueles que trabalham com a infância migrante no centro da cidade



Aquarela representativa do Parque Ibirapuera como parte da metodologia de observação crítica das dinâmicas variáveis de diferentes setores de São Paulo.

Março de 2025.



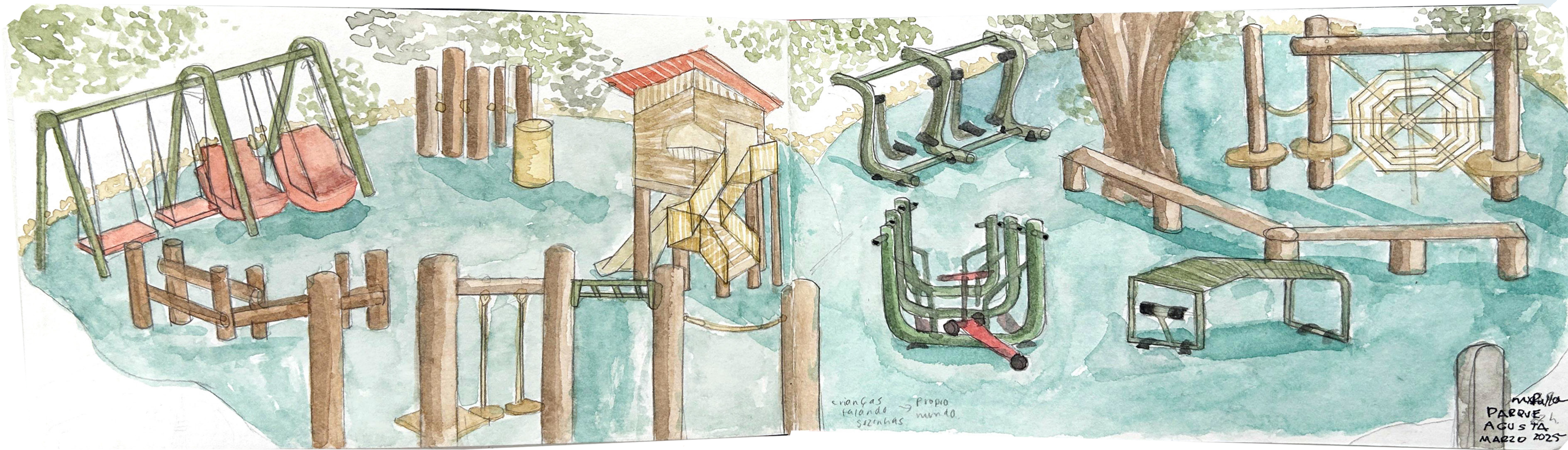
Aquarela representativa das dinâmicas culturais em torno do Carnaval brasileiro e da infância, como parte da análise cultural da cidade.

Março de 2025.



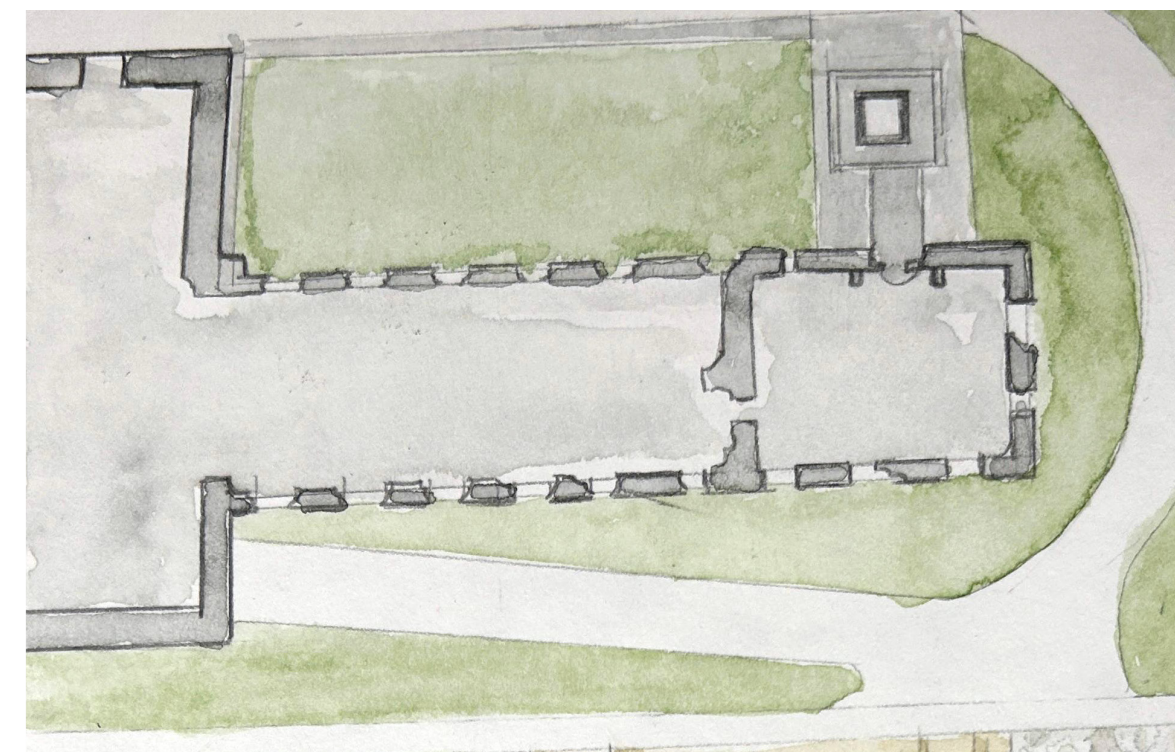
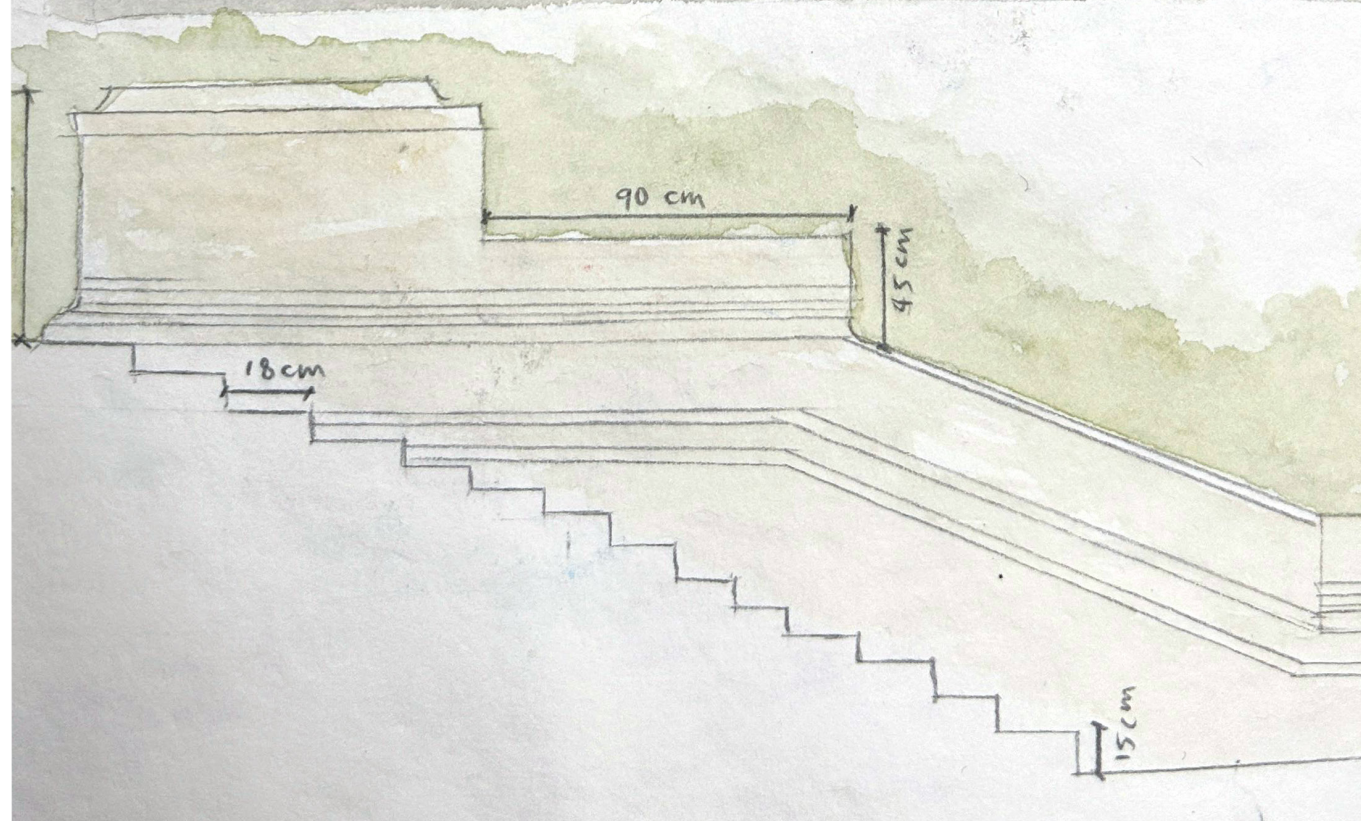
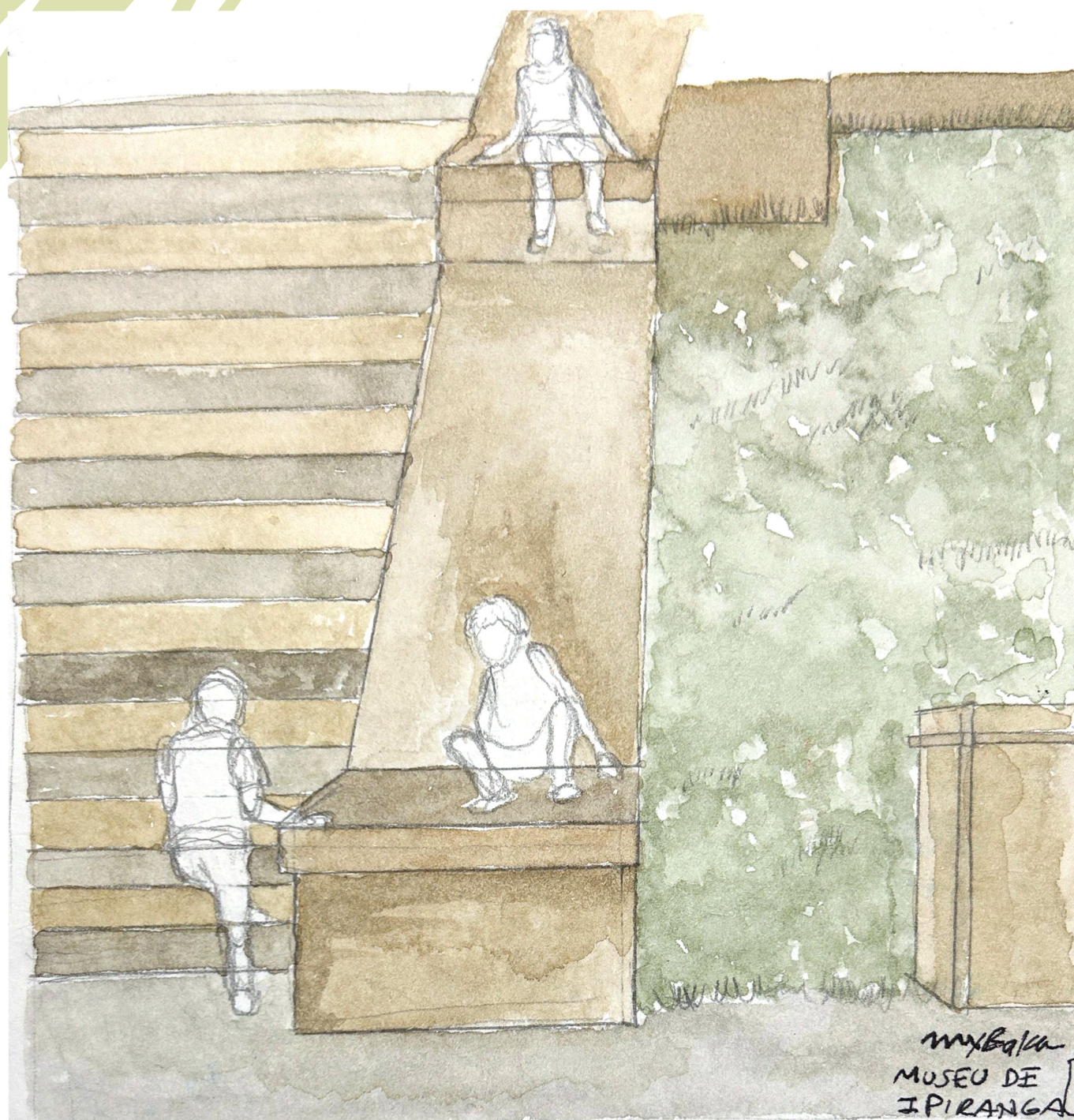
Aquarela representativa das infâncias diversas no Parque Ibirapuera. Registro realizado para compreensão das escalas infantis na cidade.

Fevereiro de 2025.



Aquarela representativa do Parque Augusta, no centro de São Paulo, que evidencia como as crianças realmente utilizam esses equipamentos públicos.

Março de 2025.



Aquarelas realizadas no Parque da Independência – Museu do Ipiranga, que revelam o olhar curioso e experimental das crianças sobre a arquitetura.



Sala de aula com três crianças bolivianas. A lição é sobre os processos migratórios no Brasil.



Crianças exercendo seu direito à cidade, caminhando pela Praça da República acompanhadas de suas cuidadoras.

Observações feitas com cuidado em diversos cenários educativos da cidade, com faixas etárias variadas, que fundamentaram a proposta desenvolvida.



Motoças utilizadas pela escola E.M.E.I. Armando de Arruda Pereira, pioneira no ato revolucionário de permitir que as crianças habitem a cidade utilizando esses artefatos à sua própria escala.



Evidência do uso preferencial do chão para atividades em grupo.

Após leituras e consultas às fontes mencionadas, concluiu-se que o bairro do Brás é a melhor opção para a implementação de um espaço educativo voltado a uma população migrante cuidadosamente observada, com base em suas dinâmicas e formas de habitar o território.

A aproximação com a escola no bairro República, implantada em meio à praça, despertou o interesse por *escolher uma praça neste bairro tão complexo como o Brás*, cuja história está marcada pela imigração italiana, asiática e, ainda hoje, latino-americana.

Após avaliar diversas opções de praças na região, com o auxílio do desenho e de técnicas manuais, chegou-se à primeira proposta urbana no Brás: o *Largo da Concórdia. Trata-se de uma praça cercada por comércios formais e informais de têxteis* no atacado e varejo, além de outros produtos a preços significativamente mais baixos do que a média praticada em São Paulo.

A praça foi percorrida com um olhar atento, revelando uma *realidade relevante* para este projeto: de fato, há diversos *negócios* pertencentes a pessoas migrantes — da *Bolívia, do Haiti e do Congo*. A maioria trabalha no comércio informal, expondo mercadorias no chão e aguardando compradores sentados nas calçadas.

Infelizmente, essa *realidade também envolve crianças: muitas estão deixando de frequentar creches ou escolas em horários em que deveriam estar nesses espaços*.

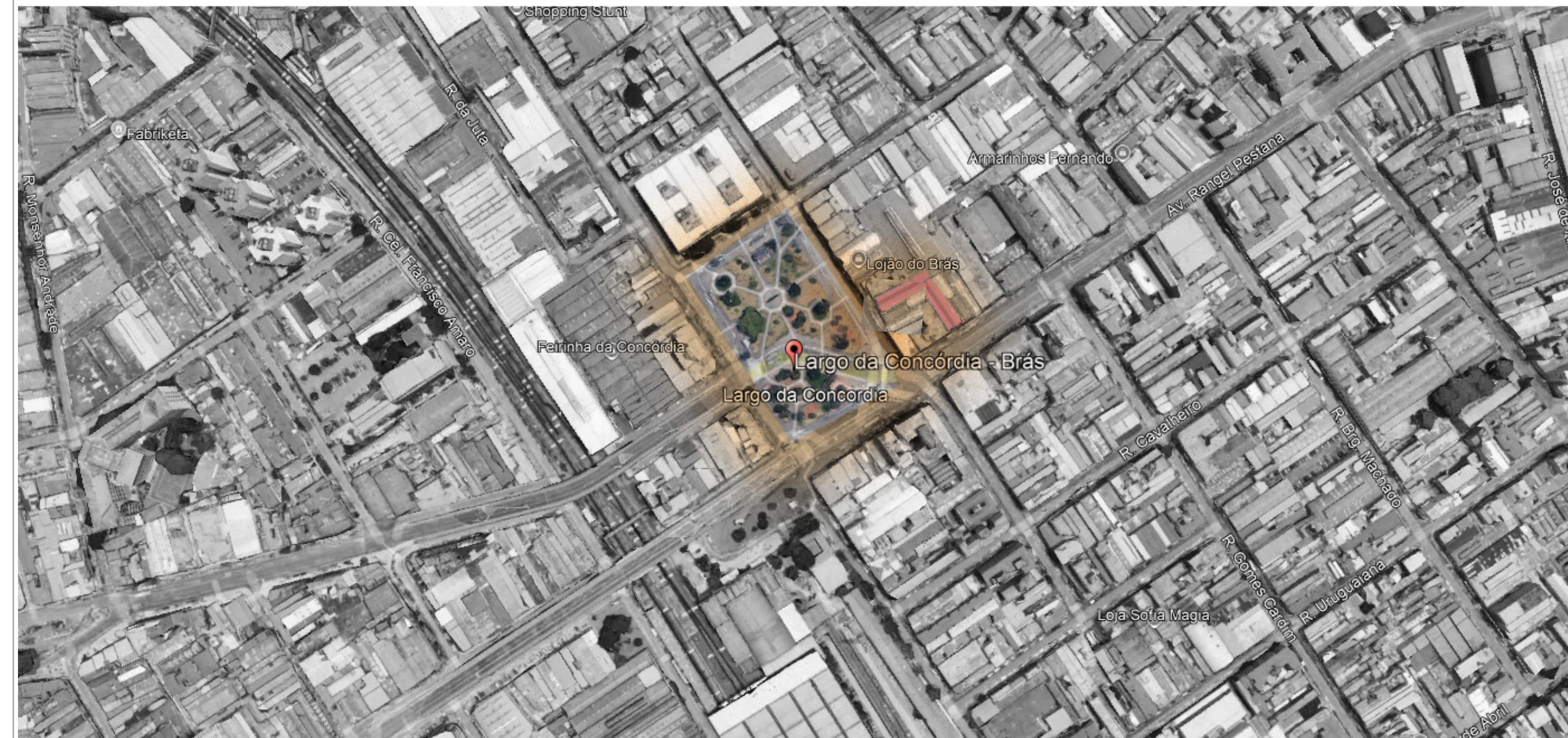
Segundo algumas das entrevistas, isso ocorre porque muitas *mães solo precisam trabalhar longas jornadas e não têm*

tempo para levar os filhos às instituições educativas. Como consequência, algumas crianças — que permanecem com suas mães em oficinas de costura — acabam sendo *confundidas com crianças com transtorno do espectro autista*, por imitarem os *movimentos repetitivos* das mães ao operar as *máquinas de costura*.

Assim, optou-se por eleger esta *praça como cenário principal do projeto*, com a intenção de *revitalizar* não apenas um lote, mas toda *uma quadra*. Uma praça que deve ser melhor aproveitada pelos moradores locais como espaço vivo e urbanisticamente sustentável. E que melhor instrumento para isso do que as próprias crianças?

Foram mapeados fluxos potenciais na área, considerando a implantação de uma creche em um dos lotes com *fachada voltada diretamente para a praça*. Concluiu-se que a proposta deveria se relacionar diretamente com a praça por meio de *elementos urbanos*, como uma travessia elevada (*“lombada peatonal”*) que conecte o espaço público ao projeto Um Segundo Hogar, e vice-versa.

Essa análise também considerou as áreas residenciais, comerciais, de serviços básicos e os vazios urbanos, com atenção especial à *escassez de espaços destinados à infância*. Tais observações permitiram entender as discontinuidades do bairro, as tensões entre as atividades comerciais e residenciais, e a oportunidade representada por um equipamento educativo de escala local em uma área densamente habitada por famílias migrantes.





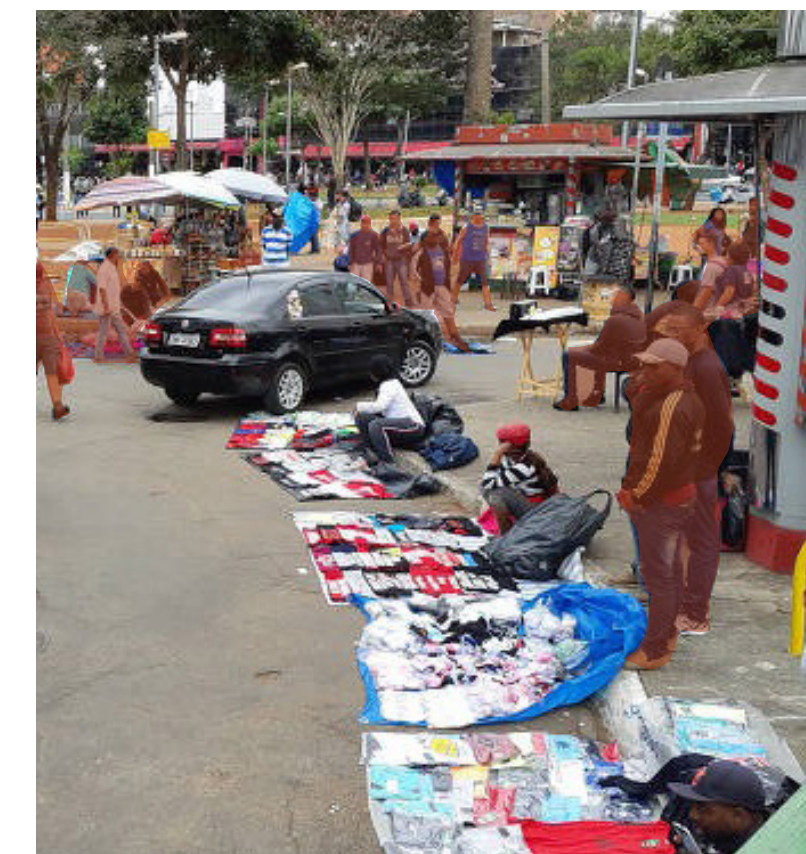
Registro fotográfico de uma das mães provenientes de outro país, moradora da região da Praça da Concorórdia, com sua filha. Imagem que evidencia a presença de bebês e crianças na zona.



Comerciantes haitianos da região com suas mercadorias dispostas no chão e em sacolas plásticas. Evidência do fenômeno da venda e comercialização informal de produtos têxteis.



Fachada leste da praça principal que mostra a relação direta existente entre os estabelecimentos comerciais e a praça, por meio de uma faixa de pedestres do tipo “zebra”. A imagem evidencia que, embora já exista um elemento urbano que conecta a calçada dos comércios à praça, não há um objeto pensado especialmente para as crianças, como uma faixa de pedestres elevada — o que aqui se chama de “lombada peatonal” — útil para o acesso das crianças do projeto à praça e vice-versa.



Registro fotográfico que evidencia não apenas o comércio informal presente na região, mas também a quantidade de pessoas que circulam em um dia útil durante um mês que não representa um aumento sazonal da população cliente, como ocorre no fim de ano ou, neste caso, no carnaval. É claro que há um fluxo significativo de pessoas, entre as quais se encontram também várias crianças.



Foto registro de otra de las madres provenientes de otro país, habitante o trabajadora del sector la Praça da Concorórdia, junto con sus hijos. Fotó que evidencia la presencia de bebês y niños en la zona.



Fachada Noroeste correspondente ao banco Caixa Econômica Federal.



Fachada Nordeste que abriga os estabelecimentos comerciais mais altos e relevantes: Lojão do Brás e Box Concórdia. Possivelmente a fachada do perímetro da praça com maior fluxo de pessoas.



Fachada Sul correspondente ao Shopping Indiano, onde são comercializadas, em quase dez andares, grandes quantidades de roupas. No entanto, à sua direita, há um edifício residencial com cerca de 20 metros de altura cuja fachada revela apenas acúmulos de material têxtil.



POSIBLES FLUJOS CONSECUTIVOS
POSIBLES ÁREAS DE INTERVENCIÓN
FLUJO DE ESTRANCIA ACTIVA
TERRENO DE INTERVENCIÓN
PLAZA DE INTERVENCIÓN
POMPEYANO CONECTOR

MATA ÁRBOREA
FLUJO DENTRO DEL PROYECTO
FLUJO DE ESTRANCIA PASIVA
POSIBLE ÁREA DE EXPANSIÓN
PRESENCIA MIGRATORIA

PARQUE LARGO DA CONCORDIA ESCALA: 1/1000



Embora esta não seja uma fachada perimetral da praça, é uma das mais movimentadas. Caracteriza-se por apresentar várias edificações que, em seus níveis térreos, abrigam comércios e, nos pavimentos superiores, residências.

1



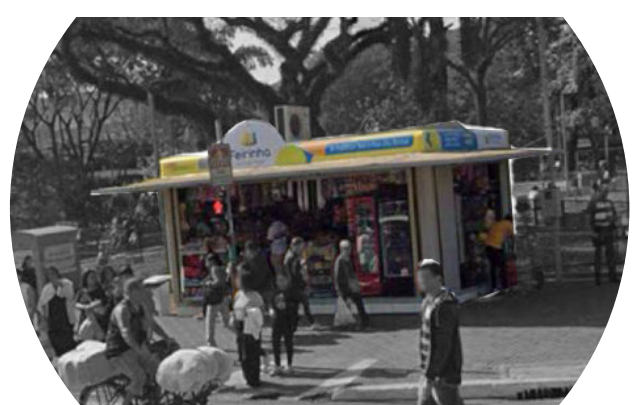
Monumento ao Migrante Nordestino

2



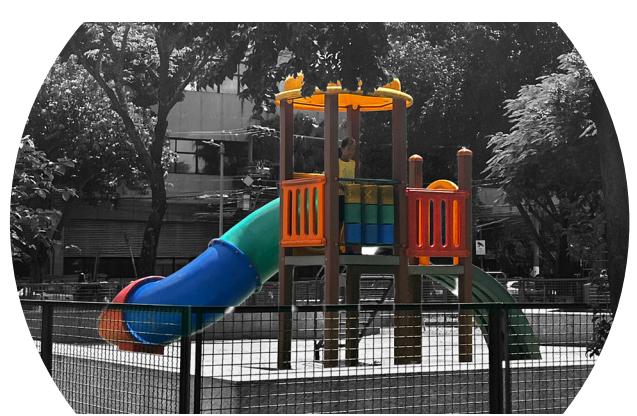
Jardins cercados no interior da praça

3

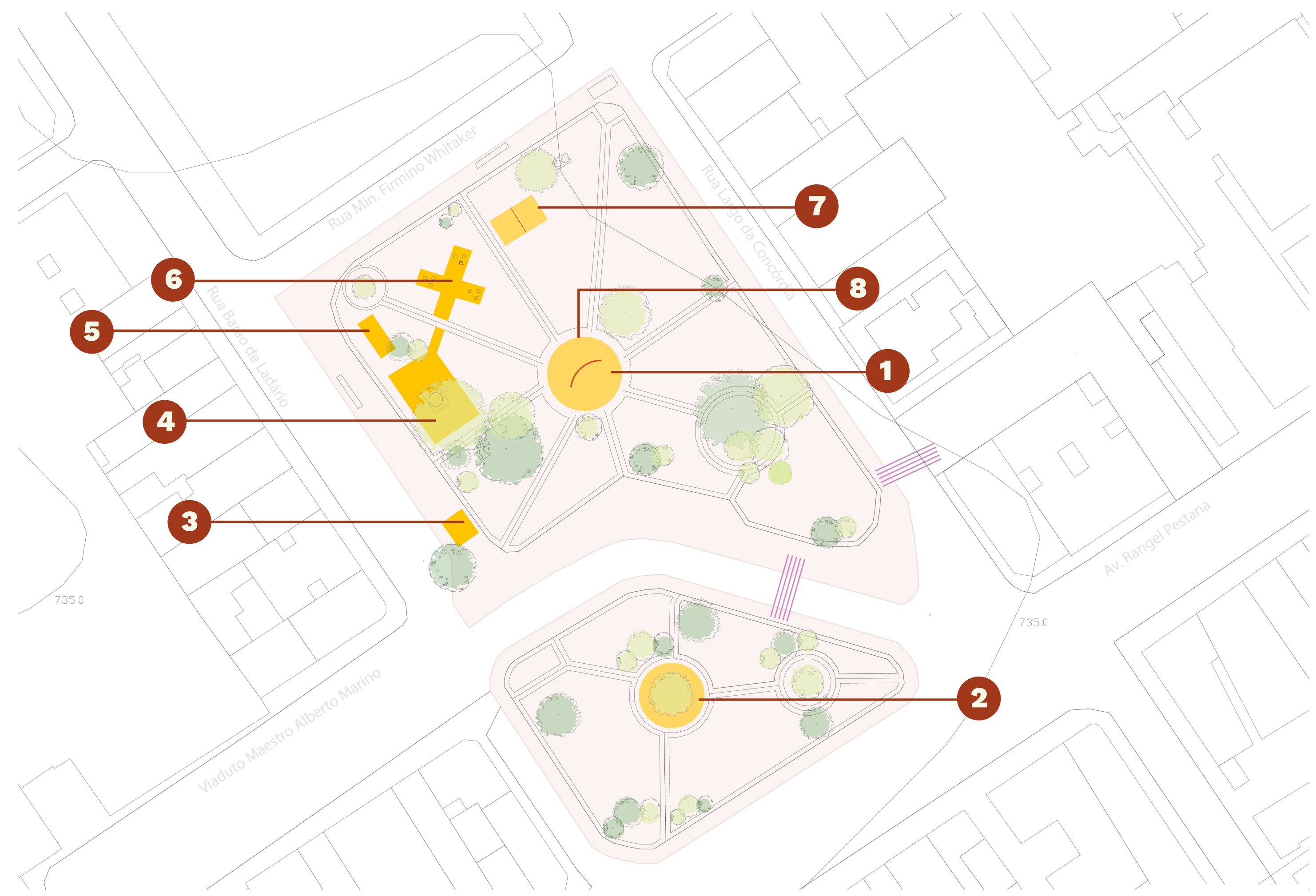


Banca de venta general de productos

4



Parque infantil com Tobogã



- MATA ÁRBOREA
- PREEXISTENCIAS DE LA PLAZA
- PLAZA DE INTERVENCIÓN
- POMPEYANO CONECTOR

PARQUE LARGO DA CONCORDIA

ESCALA: 1/500



5



Posto da Polícia Militar

6



Equipamento público – academia ao ar livre

7



Banheiros públicos mistos com chuveiros

8



Pessoas em situação de rua no centro da praça

Após a análise das fachadas que circundam a praça, foi escolhida uma localização estratégica que responde à sobreposição entre o comércio formal e informal, a habitação popular e o fluxo constante de trabalhadores — muitos deles migrantes bolivianos — que, além disso, vivem no setor junto com seus filhos, primos ou sobrinhos.

O lote selecionado encontra-se *a poucos passos da praça* e é proposto como o local ideal para a implantação de um jardim de infância: um espaço *âncora para as famílias*, acessível a pé, que *facilite a rotina* diária daqueles que trabalham na região.

Em muitos casos, *as mães deixam de levar seus filhos à escola por falta de tempo ou pela distância em relação aos seus locais de trabalho*. Esta proposta busca reduzir essa lacuna, gerando um *benefício duplo*: a mãe pode trabalhar com tranquilidade, enquanto a criança tem acesso a um espaço de cuidado e aprendizagem.

As edificações que circundam o terreno selecionado apresentam uma *variação* significativa em termos de *altura e uso*, evidenciando a diversidade programática e *morfológica da zona, caracterizada em geral por galpões e armazéns alongados*. A partir da análise da cartografia de alturas das construções vizinhas, apresentada à direita, observa-se que os imóveis *mais próximos ao lote* são compostos principalmente por edificações de *dois a quatro pavimentos*, em sua maioria com uso misto: comércio nos níveis inferiores e habitação nos superiores.

A fachada nordeste, voltada diretamente para a praça, é composta por edificações *mais altas, com quatro até cinco*

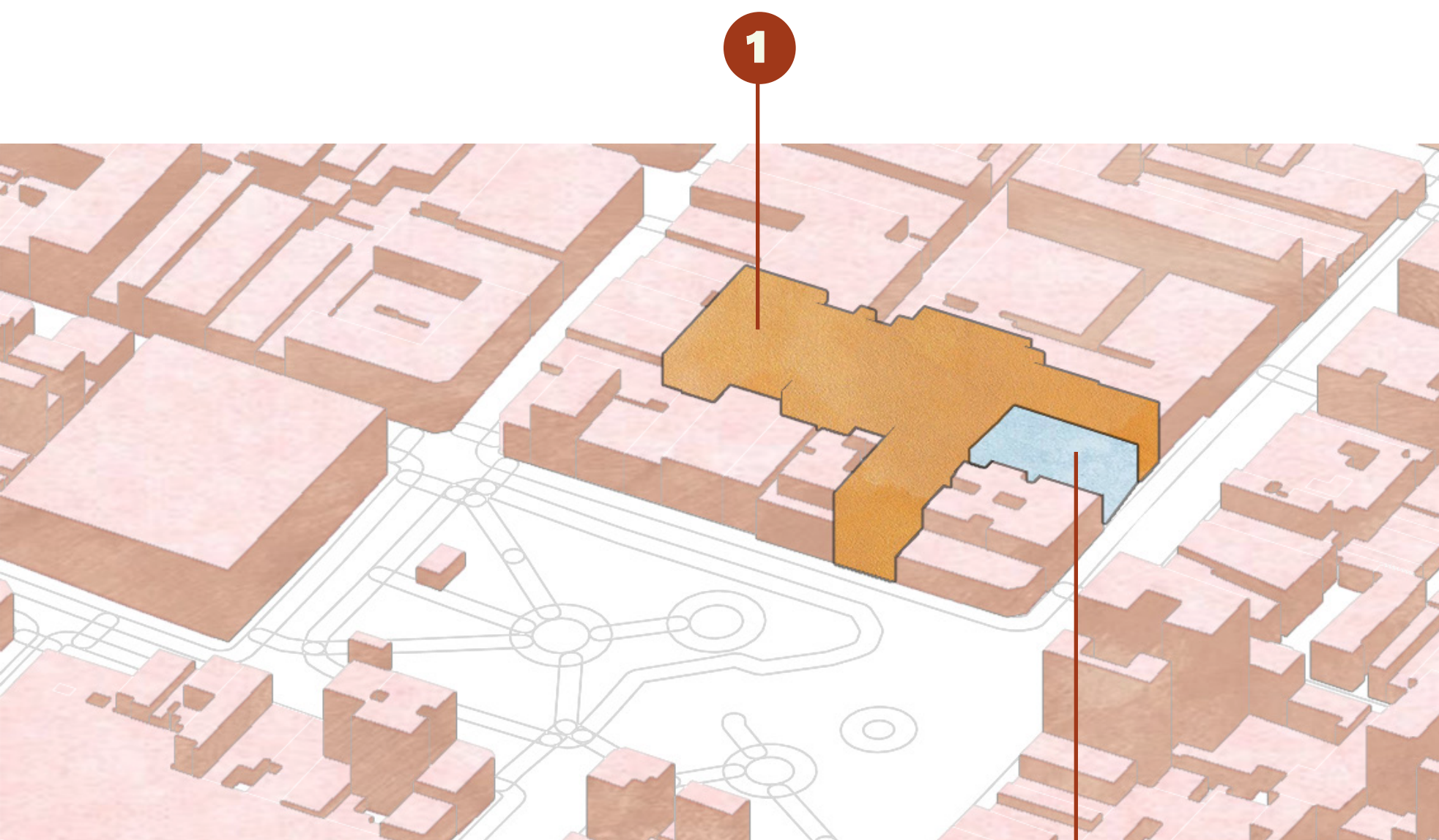
andares, abrigando grandes lojas têxteis como Lojão do Brás e Box Concórdia. Esta fachada, devido à sua escala e à concentração de atividade comercial, constitui *um dos pontos de maior fluxo de pedestres da região*.

Em contraste, nas ruas secundárias que circundam o lote encontram-se *edificações de menor altura, entre um e três pavimentos*, com uma presença mais marcante de comércio informal e habitação popular. Esses edifícios, em geral, conservam uma morfologia mais tradicional, com fachadas simples e materiais modestos, como reboco pintado e cerâmica esmaltada.

Essa *variedade de alturas* permite que o terreno se insira com flexibilidade no tecido urbano, facilitando uma *transição harmoniosa entre construções mais altas e mais baixas*. Ademais, o uso misto predominante nas imediações reforça o *caráter híbrido do setor*, oferecendo uma oportunidade para que o projeto Um Segundo Hogar atue como *conector urbano*, estabelecendo vínculos entre o espaço público da praça e a vida cotidiana das famílias migrantes que residem e trabalham no entorno imediato.



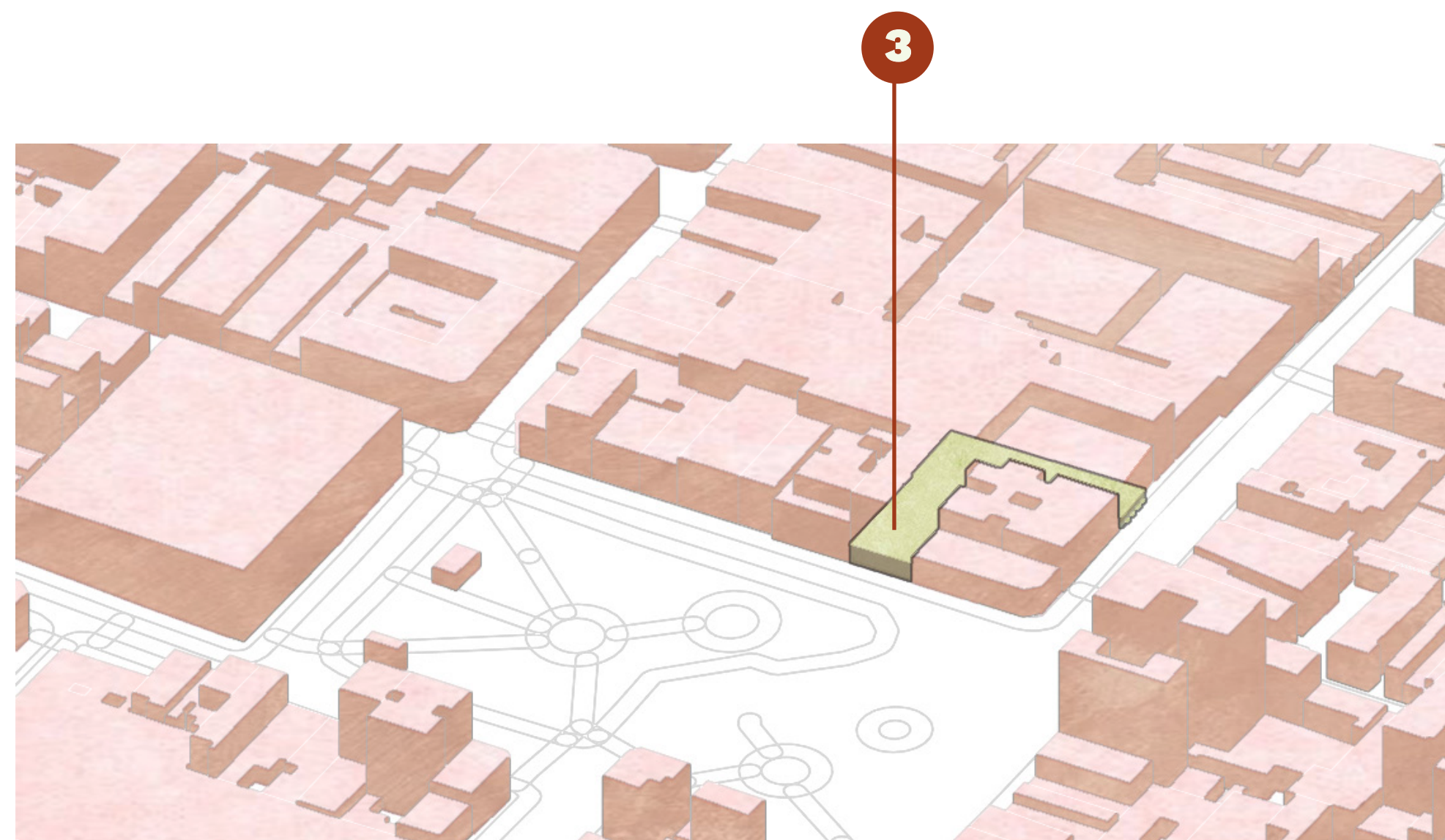
Lote original pertencente ao Lojão do Brás.
Galpão distribuidor de roupas no atacado e no varejo, com área aproximada de 3.600 m² e duas entradas para pedestres pelas ruas Avenida Rangel Pestana e Largo da Concórdia.



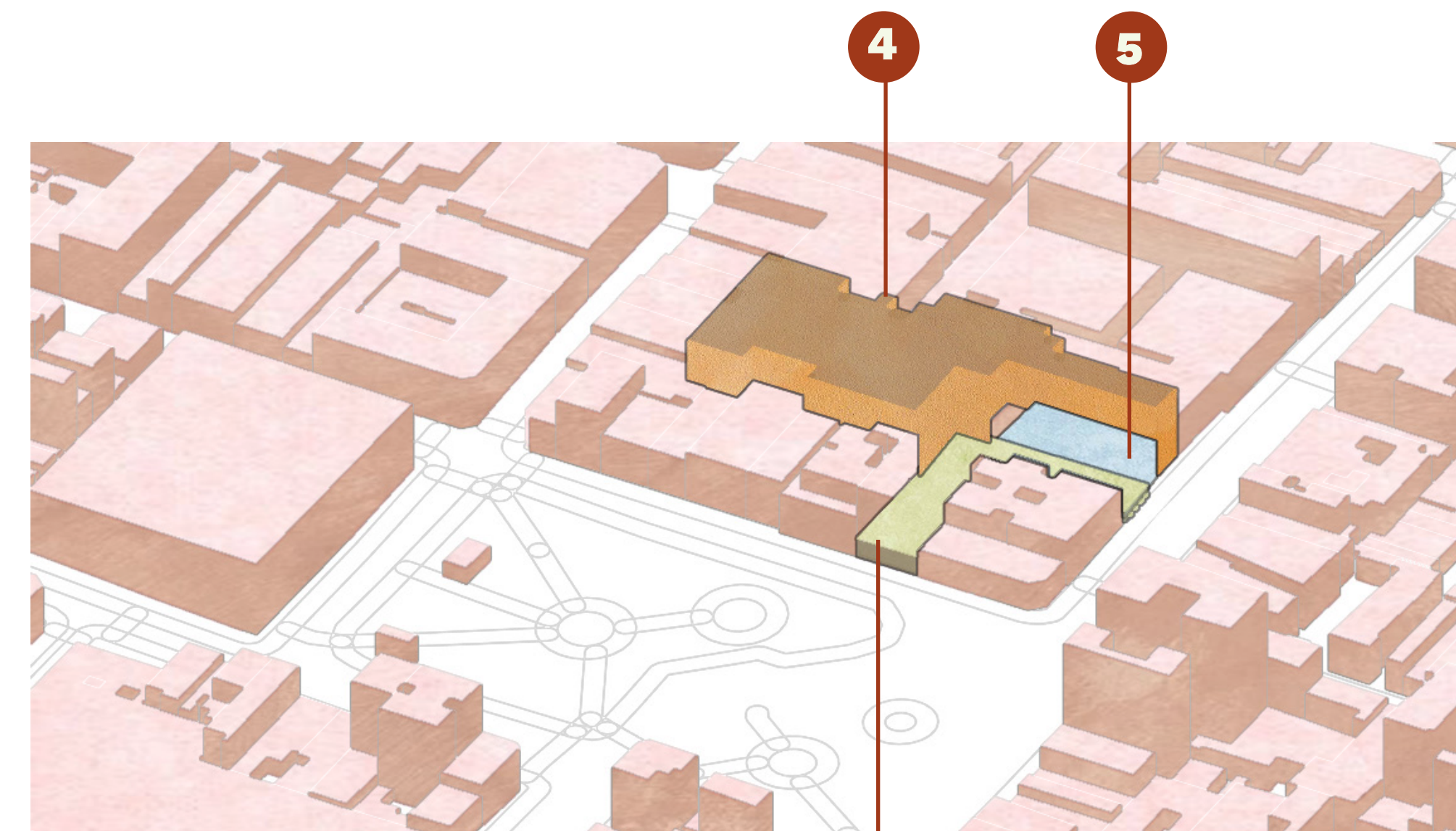
Lote original secundário, apelidado de Galeria Beco das Fábricas.

Galpão distribuidor de roupas e outros produtos, com subdivisões internas organizadas como lojas de diferentes proprietários. Nos andares 2 e 3, há moradias onde, possivelmente, funcionam fábricas clandestinas e depósitos de tecidos.

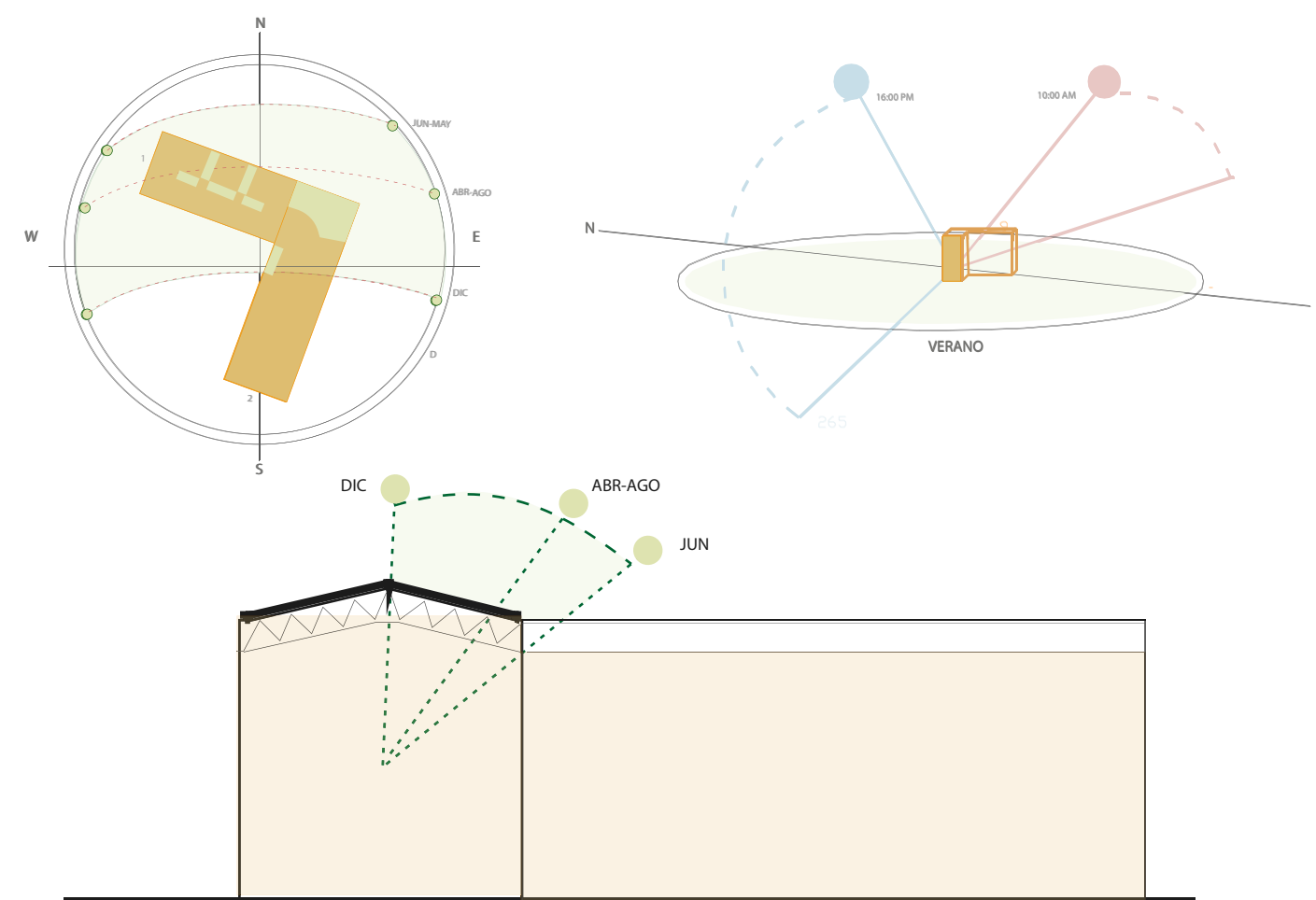
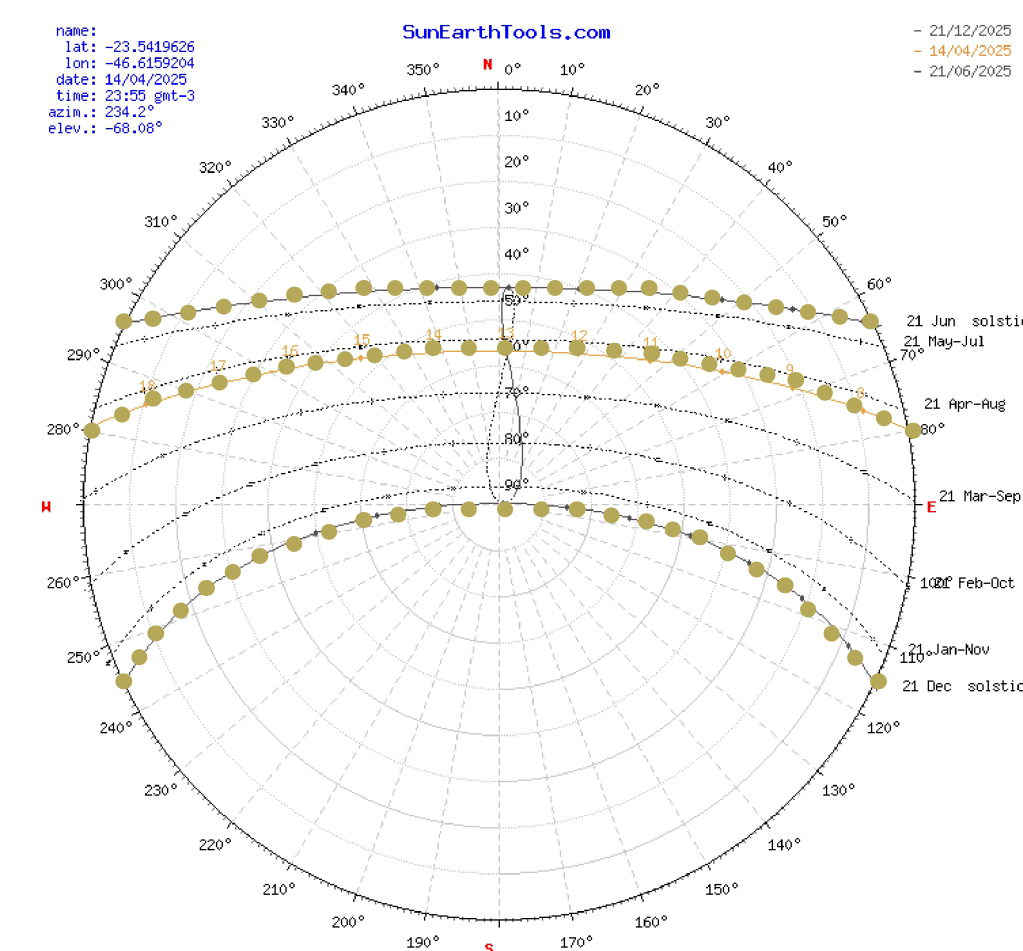
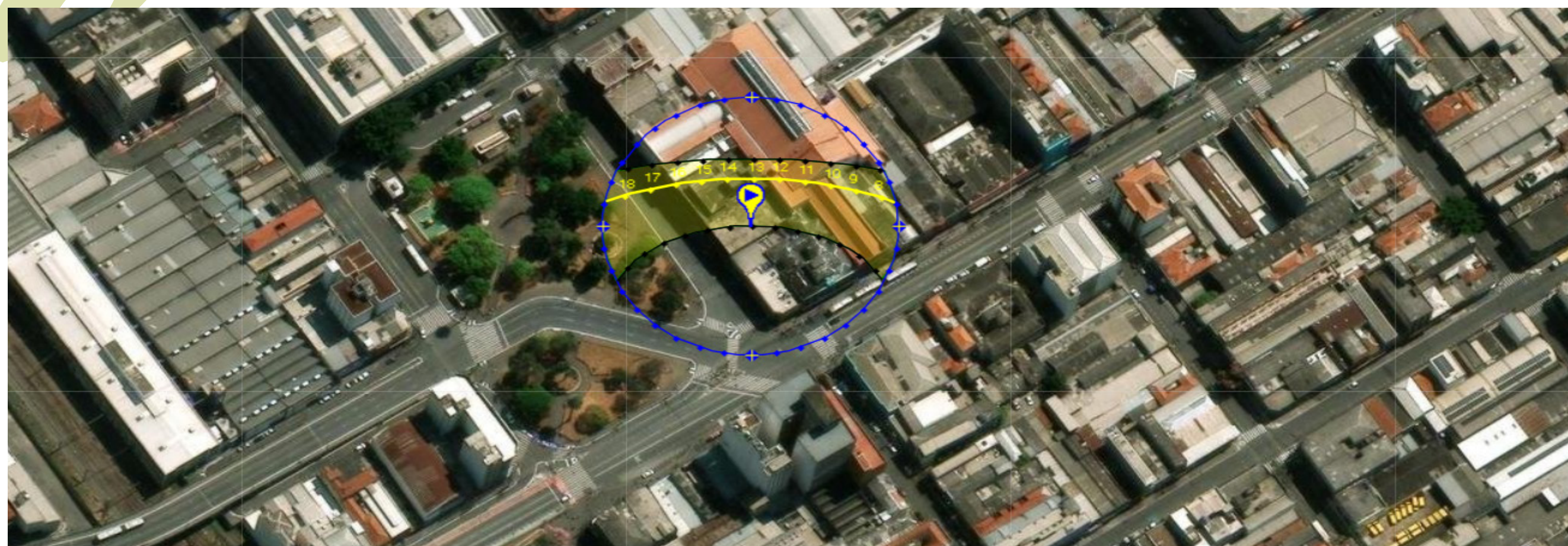
Optou-se por um terreno com dois acessos, localizado em uma área de grande fluxo de pedestres, especialmente de pessoas que circulam com crianças. Foi priorizada a fachada voltada para a praça principal devido à sua conexão direta com o espaço público e ao fato de que as edificações vizinhas não ultrapassam 20 metros de altura, o que permite uma integração harmônica do projeto com o entorno construído. Essa relação direta com a praça fortalece a ideia de um jardim de infância aberto à comunidade e de fácil acesso para as famílias da região.



Os dois terrenos selecionados não comprometem o desenvolvimento das atividades atualmente realizadas. No terreno número 1, embora mantenha apenas uma entrada, esta continuará sendo utilizada por compradores e vendedores, pois está localizada em uma rua que ainda funciona como via principal para o recebimento de mercadorias. Quanto ao terreno número 2, embora sua área seja reduzida em quase metade, essa intervenção pode trazer benefícios significativos, como a diminuição do risco de acidentes e incêndios associados ao armazenamento de tecidos, que presumivelmente ocorre no local.



O resultado final dessa divisão territorial beneficia o projeto em termos de conforto térmico, relação com o bairro e proximidade com as famílias que trabalham no entorno da praça. Além disso, confere maior complexidade ao desenho arquitetônico, uma vez que se trata de um terreno estreito com potencial para expansão vertical.



Condições ambientais do terreno

O terreno escolhido para o desenvolvimento do projeto não apenas apresenta qualidades sociais e urbanas relevantes, como também possui uma *localização solar estratégica em relação ao movimento do sol no hemisfério sul*. Ao contrário dos países do hemisfério norte, no *Cone Sul* o *percurso solar se inclina para o norte*, o que influencia diretamente as *decisões* de projeto arquitetônico — especialmente quando se trata de espaços voltados à infância, onde o *conforto térmico, a iluminação natural e a ventilação cruzada* são fundamentais.

A análise solar realizada — visível nos diagramas de incidência solar — permite compreender que, durante os *meses de verão*, o *sol encontra-se mais alto no céu*, com trajetórias longas que vão do nordeste ao noroeste. Em contraste, *no inverno*, o sol segue um *percurso mais baixo e sua incidência entra com um ângulo mais direto* a partir do norte. Assim, identificou-se a necessidade de incorporar *estratégias arquitetônicas passivas* que possibilitem o controle solar ao longo do ano: *sombreamento no verão e captação no inverno*.

Uma das decisões fundamentais foi a incorporação de *jardins e pátios internos* que permitam a *entrada de luz cenital* desde a cobertura até os espaços interiores. Esses vazios não apenas proporcionam iluminação natural constante, como também favorecem a *ventilação cruzada* — vital para manter ambientes frescos e saudáveis, especialmente em uma instituição de educação infantil.

Segundo a análise solar específica para o local, *a melhor posição para esses vazios situa-se no lado direito do terreno* (orientação nordeste), o que permite aproveitar de maneira ideal a entrada da

luz matinal — mais suave e apropriada para o uso infantil — e *evitar a superexposição ao sol* poente no período da tarde.

Como mostram os esquemas de trajetória solar, nos *meses mais iluminados (de outubro a março)*, o edifício capta luz difusa nas áreas periféricas enquanto as coberturas protegem contra o superaquecimento. Já durante os *meses de menor luminosidade (de junho a agosto)*, os jardins internos atuam como coletores solares, permitindo a entrada de calor natural e garantindo condições térmicas agradáveis. Essa estratégia assegura que as salas e os espaços comuns possam ser utilizados durante todo o ano sem a necessidade de consumo excessivo de energia.

Adicionalmente, *a sombra projetada* pelas edificações vizinhas — que não ultrapassam os 20 metros de altura, conforme indicado na planta de gabaritos — *não representa um impedimento significativo* à incidência direta da radiação solar. Tal condição *favorece o uso do pátio e das áreas externas como zonas ativas do projeto*, especialmente durante o período da manhã e no final da tarde.

Conclui-se, portanto, que a escolha do terreno não foi apenas uma resposta social e territorial, mas também uma decisão climática que agrega qualidade ambiental ao projeto. A correta orientação, o uso de vazios arquitetônicos estratégicos e o estudo da trajetória solar tornam-se ferramentas essenciais para consolidar um projeto educativo sensível ao entorno físico e às necessidades das crianças da comunidade migrante do bairro Brás.

O projeto dialoga com uma rede de *referenciais literários, pedagógicos e arquitetônicos* que abordam criticamente a relação entre infância, espaço urbano e design educativo. Essa rede inclui experiências locais e internacionais que foram fundamentais tanto na definição metodológica quanto espacial da proposta do jardim infantil.

Do ponto de *vista pedagógico*, retomam-se os princípios da abordagem *Reggio Emilia*, especialmente através das ideias de *Giordana Rabitti e de Ceppi & Zini*, que exploram *como projetar ambientes para a educação infantil* baseados na participação ativa, na autonomia da criança e no valor do entorno como *“terceiro educador”*. Tal abordagem está presente na configuração aberta e flexível do projeto, onde a luz natural, o brincar, a descoberta e a *interação livre* assumem papel central.

As reflexões de *Mayumi Souza Lima* e sua leitura da construção do espaço educativo em *contextos urbanos densos*, como São Paulo, ofereceram ferramentas chave para abordar a escala, os limites e a *mobilidade infantil* em cidades verticalizadas.

Em *nível urbano*, autores como *Henri Lefebvre e Stavros Stavrides* fornecem uma base teórica que permite pensar o jardim infantil como parte de um *“espaço comum”*, e não como um equipamento isolado. Nessa linha, considera-se o *direito das crianças de habitar a cidade com segurança, autonomia e liberdade*, promovendo uma infraestrutura educativa que dialogue com o tecido urbano e fortaleça a vida comunitária.

Do ponto de vista *arquitetônico*, estudaram-se referências que materializam esses conceitos. *A Wish*

School, em São Paulo, foi fundamental devido à sua organização fluida em um terreno estreito, com maior *potencial de aproveitamento vertical*, inserido em uma morfologia arquitetônica de *galpão com cobertura em duas águas*. A integração dos pátios como locais de encontro e aprendizagem também constitui um dos pontos de referência para Um Segundo Hogar. Nela, elementos como *paredes-painel e o uso de cores* para identificar espaços e suas hierarquias foram diretamente considerados no desenvolvimento do projeto.

Também foram relevantes os *Playgrounds de Aldo van Eyck*, cuja visão da cidade como campo de jogo permitiu repensar o projeto arquitetônico não como simples contêiner de atividades, mas como *um organismo que potencializa a imaginação e o vínculo entre corpos, materiais e o ambiente*. Essa lógica se traduz na escolha por mobiliários baixos, texturas variadas e pátios abertos, nos quais se deve também considerar o tipo de vegetação que melhor beneficiará as crianças.

O projeto também se inspira nas *Escolas Parque de Anísio Teixeira* em Salvador, pela *sua integração com a paisagem*, sua vocação democrática e pela criação de um *sistema educativo articulado com a comunidade*. Essas ideias ressoam com a proposta deste jardim como *infraestrutura social* em um território migrante.

Por fim, a escola *Fuji Kindergarten* em Tóquio, projetada pelos Tezuka Architects, trouxe uma reflexão essencial sobre a arquitetura como *facilitadora da liberdade*. Sua cobertura perimetral transitável, o uso intensivo da luz natural e a circulação livre reafirmam a ideia de uma escola que, embora possua divisões

físicas marcadas pelas passarelas e núcleos construídos, conceitualmente busca não impor “muros à liberdade”, permitindo que as crianças explorem o espaço de forma autônoma e, ao mesmo tempo, segura.



Wish School, Garoa, Tatuapé, Brasil 2016

Rabitti, G. (1999). *À procura da dimensão perdida: Uma escola de infância de Reggio Emilia.*

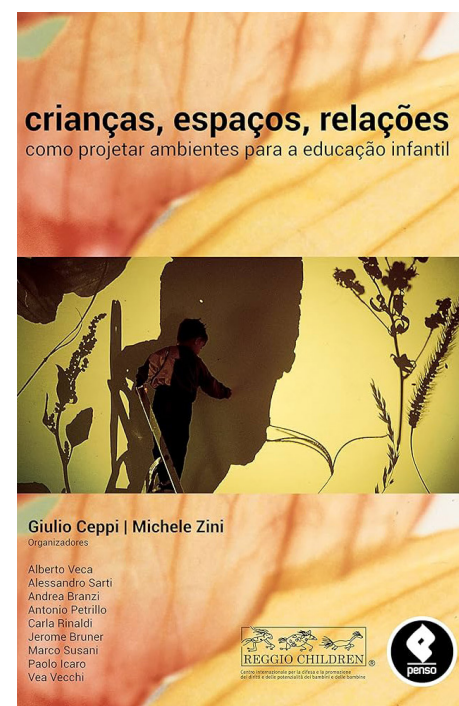
Lima, M. S. (1989). *Cidade e a criança.* Nobel.

Fuji Kindergarden

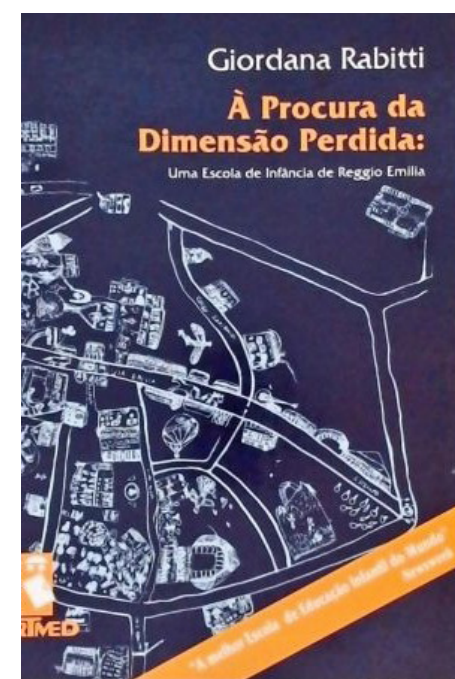
Tezuka Architects
Tokio, Japón
2014

Escolas Parque

Anísio Teixeira
Salvador Bahía
1930



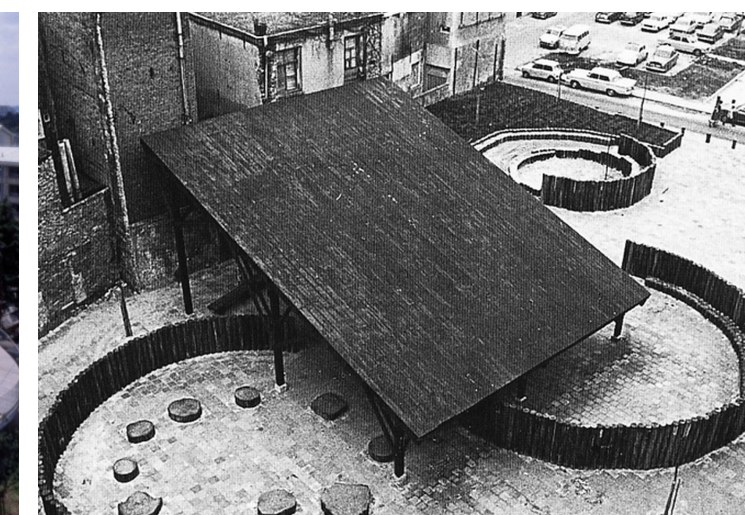
Ceppi, G., & Zini, M. (2013). *Crianças, espaços, relações: Como projetar ambientes para a educação infantil.* Editora Penso.



C. S. (2009). Mayumi Watanabe Souza Lima; *A construção do espaço para a educação* [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo]. Repositório USP.



Minguet, E. (2010). *Kids design* (versión 2010).



Playgrounds

Van Eyck, A
Amsterdam, Países Bajos
Posguerra



Wish School

Grupo Garoa
Tatuapé, Brasil
2016

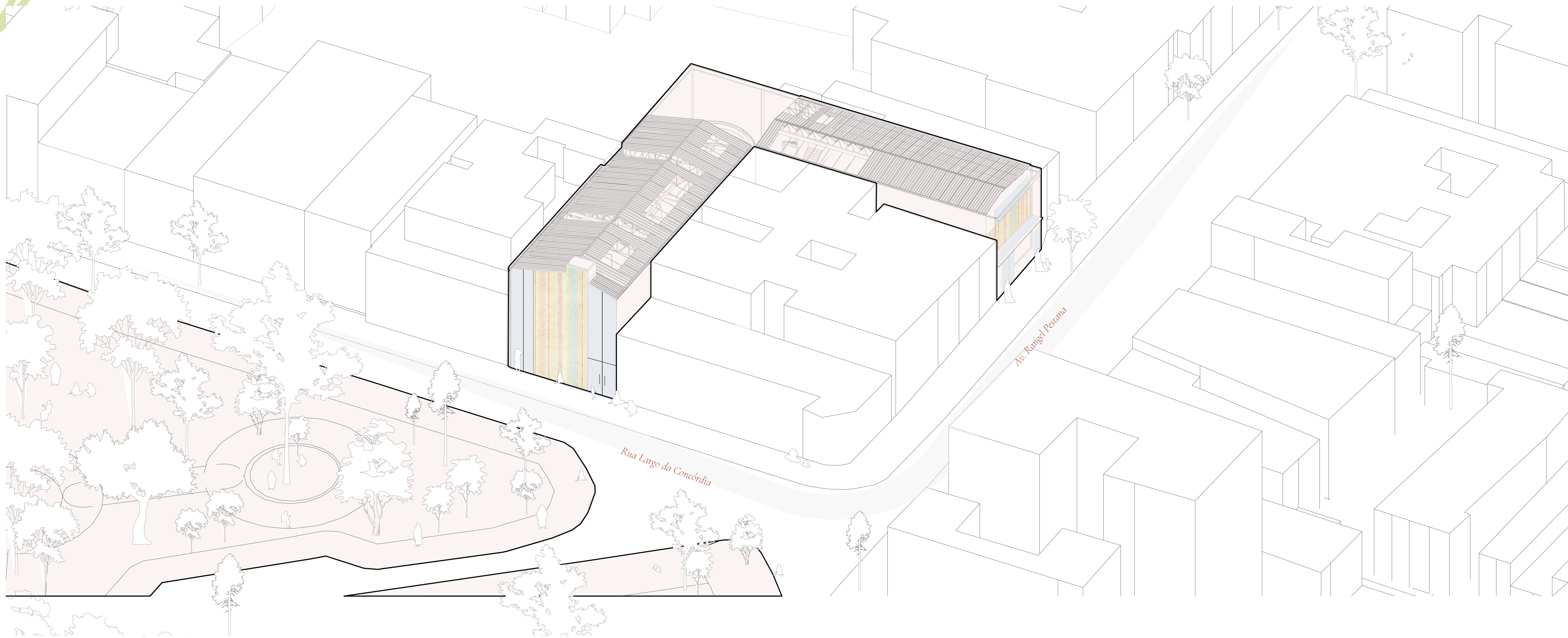
Referências de Livros

Referências Arquitetônicas

05

Un Segundo Hogar:
O Projeto





Estabelecer os espaços a serem utilizados é sempre o primeiro passo. Dessa forma, é possível tecer uma arquitetura funcional, otimizada, útil e acolhedora.

Por isso, optou-se por um modelo de módulos que, conforme a distribuição do terreno, dispõem o espaço da melhor maneira. De um lado, encontram-se os núcleos estruturais construídos; do outro, as circulações horizontais compostas por passarelas e pequenas rampas que interagem com os desníveis dos módulos, cuja estrutura é independente.

Seguindo com o lado A: os módulos construídos são classificados em quatro tipos:

1. Módulo Migrantes
2. Módulo Acadêmico
3. Módulo do Lazer
4. Núcleos rígidos ou circulações verticais

No lado B, além das rampas, encontra-se o Pátio Coração, um pátio completamente aberto que abriga um Tobogã e um jardim repleto de árvores – como se a praça invadisse o projeto.

A seguir, detalha-se o conteúdo de cada um desses módulos, os quais serão desenvolvidos e complexificados à medida que se resolvam os espaços internos e sejam tomadas decisões relativas às proporções, dimensões, escalas e usos.

1. Módulo Migrantes

Um espaço de acolhimento para quem chega a um lugar novo e desconhecido. Este módulo pretende atender não apenas às crianças, mas também aos pais ou cuidadores que as acompanham. São oferecidos serviços como psicologia, assessoria jurídica, enfermagem, sala de doações e um espaço de intercâmbio

cultural – útil para encontros comunitários com danças típicas, comidas, jogos e música.

Sem dúvida, trata-se de um espaço imprescindível neste jardim de infância, pois abre as portas a todos os moradores da região, independentemente de terem filhos.

2. Módulo Acadêmico

Este módulo se divide em três submódulos, correspondentes aos diferentes usuários dos espaços.

Primeiramente, os estudantes. Nos segundo e terceiro pavimentos estão localizados as salas de aula e os espaços anexos de acordo com a faixa etária:

- Sala dos 3 anos – Sala do Silêncio*
- Sala dos 4 anos – Sala Revelação*
- Sala dos 5 anos – Sala Criatividade*
- Sala dos 6 anos – Sala Lógica*

Cada uma dessas salas foi projetada considerando as necessidades e a etapa de desenvolvimento motor e cognitivo das crianças. Por exemplo, aos 5 anos, espera-se que as crianças estejam explorando ao máximo sua criatividade; desejam contar histórias, usar a linguagem e a comunicação. Assim, a sala é pensada como um pequeno teatro, com palco e cortinas que descem do teto para projeções de sombras.

Ou, por exemplo, a Sala do Silêncio, onde os pequenos ainda precisam dormir. Este é um ambiente com colchonetes e berços, situado na parte mais silenciosa do projeto, para que os bebês possam descansar tranquilamente.

Em segundo lugar, os professores, que possuem uma sala exclusiva para reuniões, com acesso direto a pequenos jardins

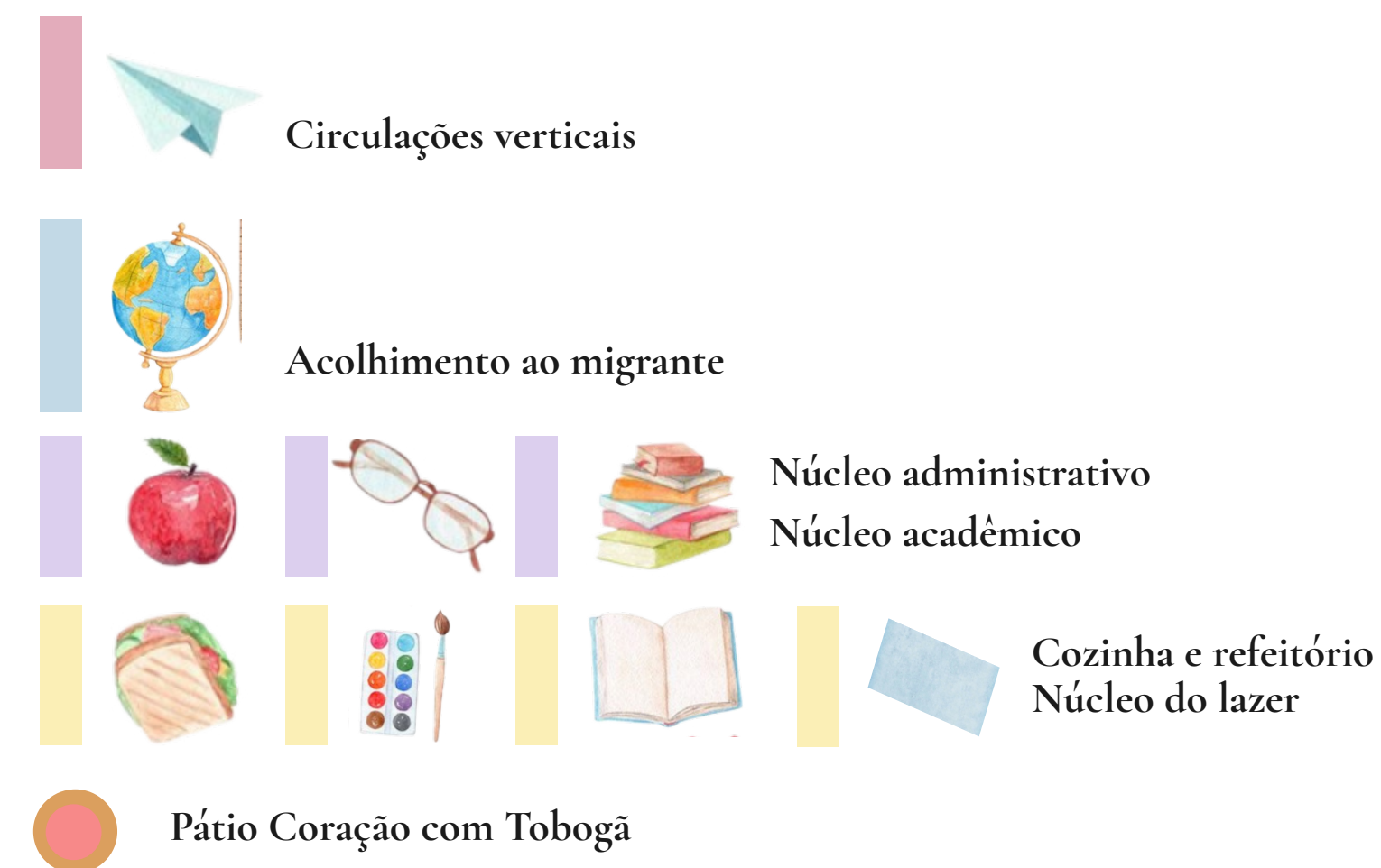
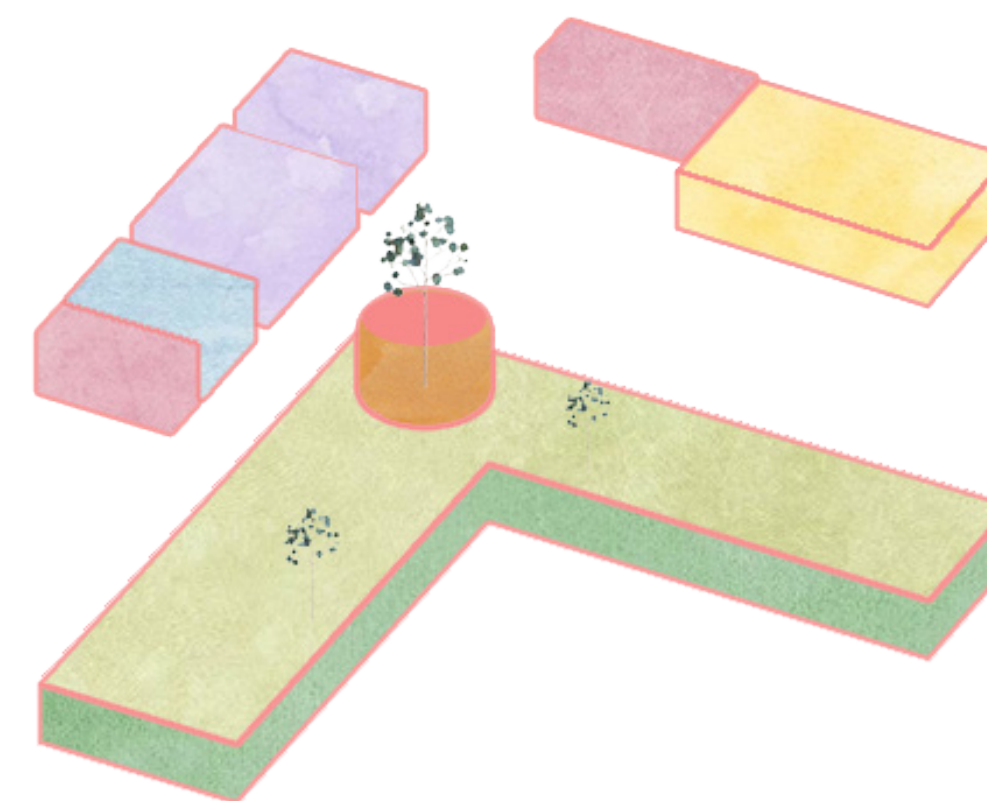
internos privados, uma minicopa e um espaço de armazenamento de materiais. Como em todo o projeto, esse módulo conta com grandes janelas, permitindo observar e acompanhar o brincar das crianças.

Por fim, os funcionários administrativos também têm acesso direto aos jardins internos e à visualização das crianças. Neste núcleo, as salas de espera se integram ao jardim, permitindo que as áreas verdes permeiem os módulos construídos – evidenciando, mais uma vez, a relação entre interior e exterior.

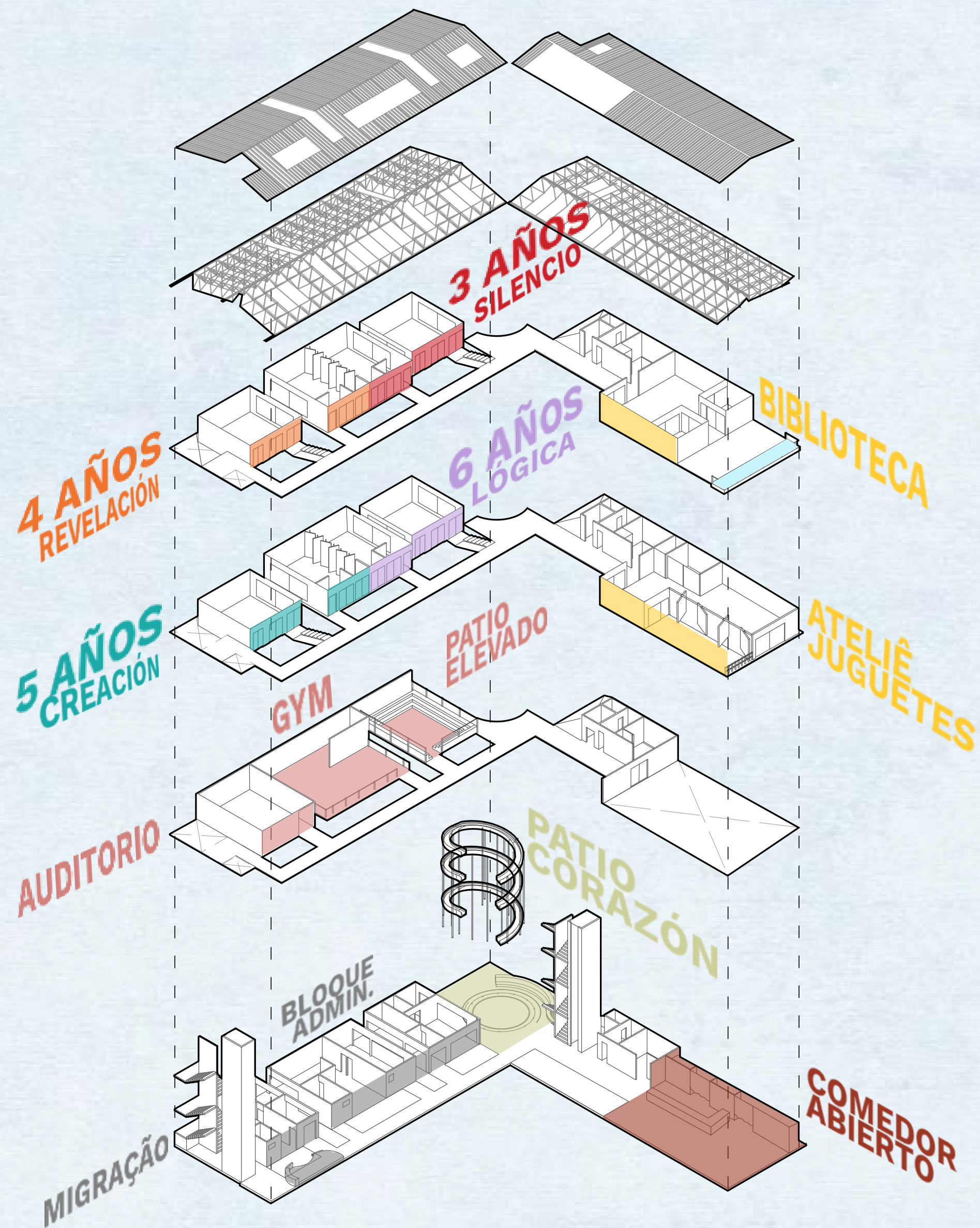
3. Módulo do Lazer

Este módulo é um caso especial, pois não corresponde a um único espaço contíguo, mas a um conjunto de ambientes com uma característica comum: o lazer e o desenvolvimento infantil. Entre eles estão: o ginásio aberto, o pátio elevado, o auditório, o ateliê de brinquedos e a biblioteca com piscina para os pés.

Cabe destacar que a cozinha e o refeitório também estão incluídos nesta categoria, pela proximidade funcional. Ambos são projetados considerando as quatro faixas etárias presentes no jardim, com mobiliário adequado para cada uma. O refeitório é aberto e acessível tanto pelo jardim quanto pela entrada secundária localizada na Av. Rangel Pestana. A cozinha é transparente, permitindo que as crianças observem seu funcionamento – ideal para os mais curiosos.



Um jardim de infância no Brás pensado para acolher, cuidar e educar crianças migrantes entre 3 e 6 anos, integrando-as ao tecido urbano por meio do brincar, da pedagogia e do pertencimento. Aqui, a praça vira sala de aula e a sala de aula se transforma em espaço de acolhida para a infância migrante do Brás.



DEFINIÇÃO DE GRUPOS POR FAIXA ETARIA

O ambiente ou espaço como o terceiro professor.

As crianças precisam ser capazes de interagir com seu ambiente de maneira significativa e autônoma.

Serão considerados como base de estudo crianças nas seguintes idades:

3, 4, 5 y 6 años

3 ANOS

Sensibilidade material
Exploradores



4 ANOS

Descoberta Ativa
Descobridores



Classificação de formas e cores.

Início da fala mais complexa.

Início das perguntas "por quê?".

Exploração ativa do mundo através dos sentidos.

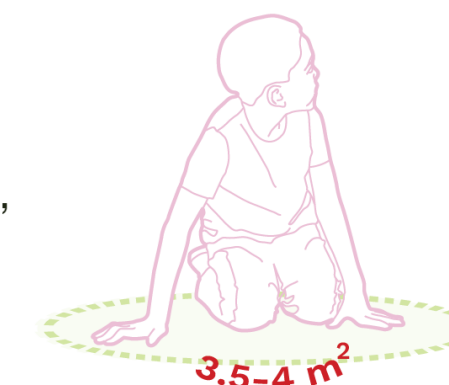
Fase sensório-motora avançada:

Texturas, cores, formas, materiais diversos.

Exploração tátil, sonora, olfativa e visual.

5 ANOS

Comunicação e Narrativa
Narradores



Maior coordenação.
Curiosidade sobre como as coisas funcionam.
Autonomia exploratória e experimental.
Pensamento lógico básico.
Brincadeira heurística.
Investigación.
Investigação e exploração livre.
Liberdade física: correr, pular.

6 ANOS

Resolução de Problemas
Pensadores



Melhoria na estrutura da linguagem.

Expressão através do jogo simbólico.

Narração de histórias mais elaboradas.

Incentivo ao diálogo e à narração.

Representação de ideias por meio do desenho, teatro e música.

Uso da imaginação e experiências pessoais.

Fantasia, fantoches, jogos de sombras.

Compreensão de causa e efeito.

Pensamento lógico complexo.

Categorização e classificação.

Planejamento de ações.

Abordagem de desafios de maneira mais estruturada.

Busca de respostas para perguntas abstratas.

Ferramentas para a resolução de problemas.

Jogos matemáticos.

Materiais experimentais.

Trabalho em equipe.

Do Programa À Realidade: A Planimetria Do Projeto

B

O projeto se organiza por meio de um sistema de módulos independentes, que respondem tanto às necessidades dos usuários quanto às condições do terreno.

Como descrito no programa, à esquerda estão localizados os módulos construídos: o Módulo de Atendimento ao Migrante, o Módulo Administrativo, o Módulo dos Professores e as salas de aula do Módulo Acadêmico. À direita, uma sequência de pátios, rampas e jardins define as zonas de circulação horizontal e os espaços de encontro.

0. Pavimento Térreo

No térreo, destaca-se o Pátio Coração, um núcleo aberto que atua como articulador visual e funcional do projeto, permitindo que a natureza e o brincar estejam presentes no cotidiano do jardim de infância. Elementos como o refeitório, a cozinha, os banheiros e o depósito se alinham com a segunda entrada – pela Av. Rangel Pestana – facilitando o acesso e a operação diária.

Ao analisar a planta, percebe-se como a escolha estrutural com pórticos beneficia os espaços – que são majoritariamente abertos, com poucas paredes internas – proporcionando maior eficácia e eficiência em grupos com mais de 15 crianças.

1. Primeiro Pavimento

No primeiro andar está localizado o auditório do jardim, usado para apresentações, reuniões com pais, eventos e cerimônias cívicas. Também se encontram aqui o ginásio aberto e o pátio elevado, espaços que não possuem paredes, apenas um guarda-corpo formado por bolas coloridas. Esse vazio em corte é essencial para ventilar a parte esquerda

do terreno, permitindo a entrada de luz e ar nos ambientes de atividade física. O objetivo é criar soluções para viabilizar um programa complexo em um terreno estreito, explorando ao máximo as relações verticais.

Vale destacar que, como a cozinha e o refeitório possuem pé-direito duplo, é possível ver o térreo a partir deste nível por meio de uma grande janela.

2. Segundo Pavimento

Nos níveis superiores, no bloco principal onde está o Módulo Acadêmico, os acessos às salas de 3 e 4 anos ocorrem por passarelas a 3,50 metros de altura. Os anexos – Sala do Silêncio e Sala Revelação – estão 50 cm abaixo (a 3 metros), com acesso por pequenas rampas ou escadas.

Neste mesmo pavimento encontram-se o ateliê de brinquedos e a ludoteca, que possuem uma varanda com vista para a Av. Rangel Pestana. A varanda é equipada com painéis giratórios para exposições, que mantêm o espaço sempre aberto.

O ateliê é um ambiente de grande importância, pois permite que as crianças fabriquem seus próprios brinquedos – objetos que poderão levar consigo em caso de nova migração ou retorno ao país de origem. Para brincar, não há idioma, e os brinquedos podem ser um poderoso elo de pertencimento em um novo ambiente.

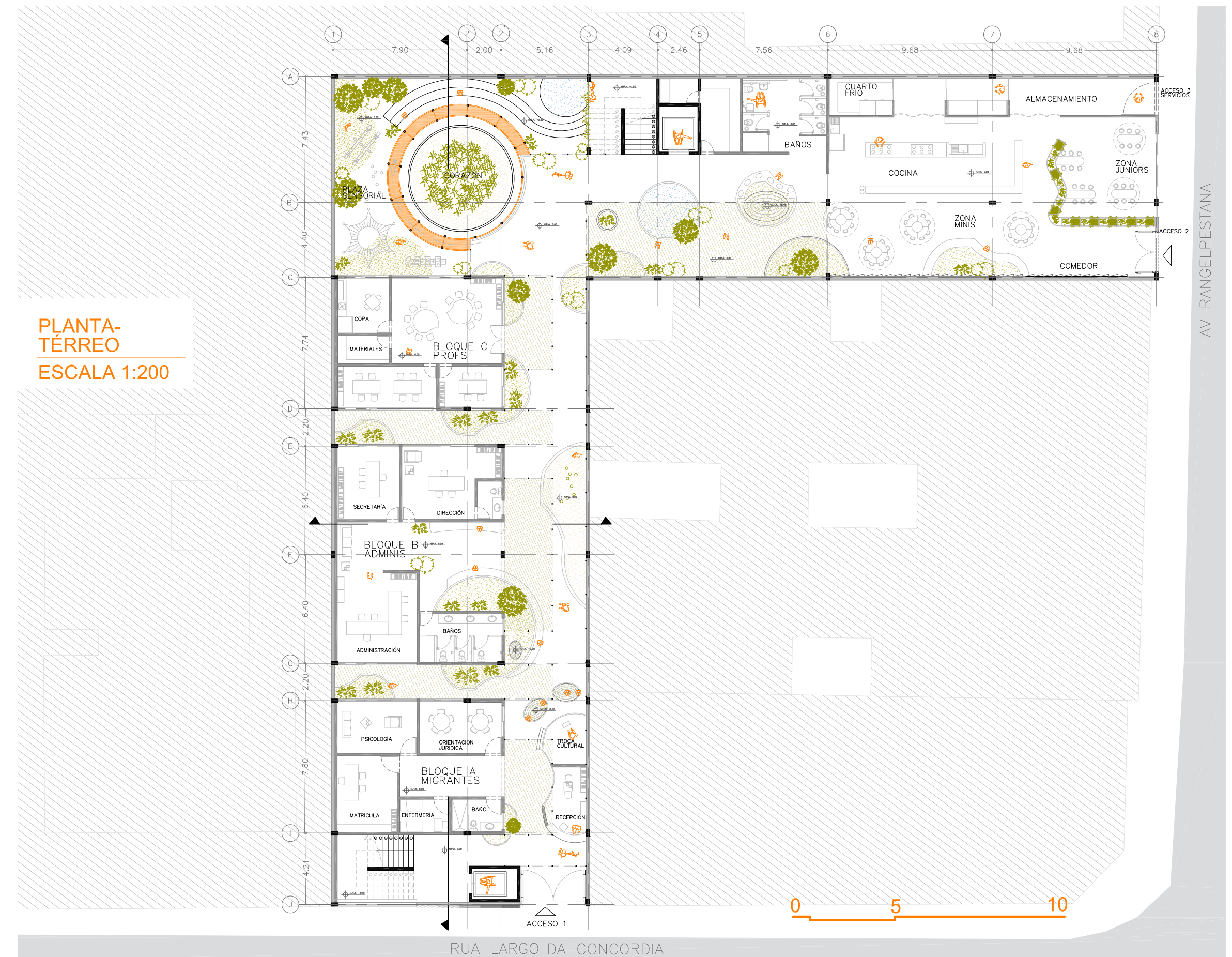
3. Terceiro Pavimento

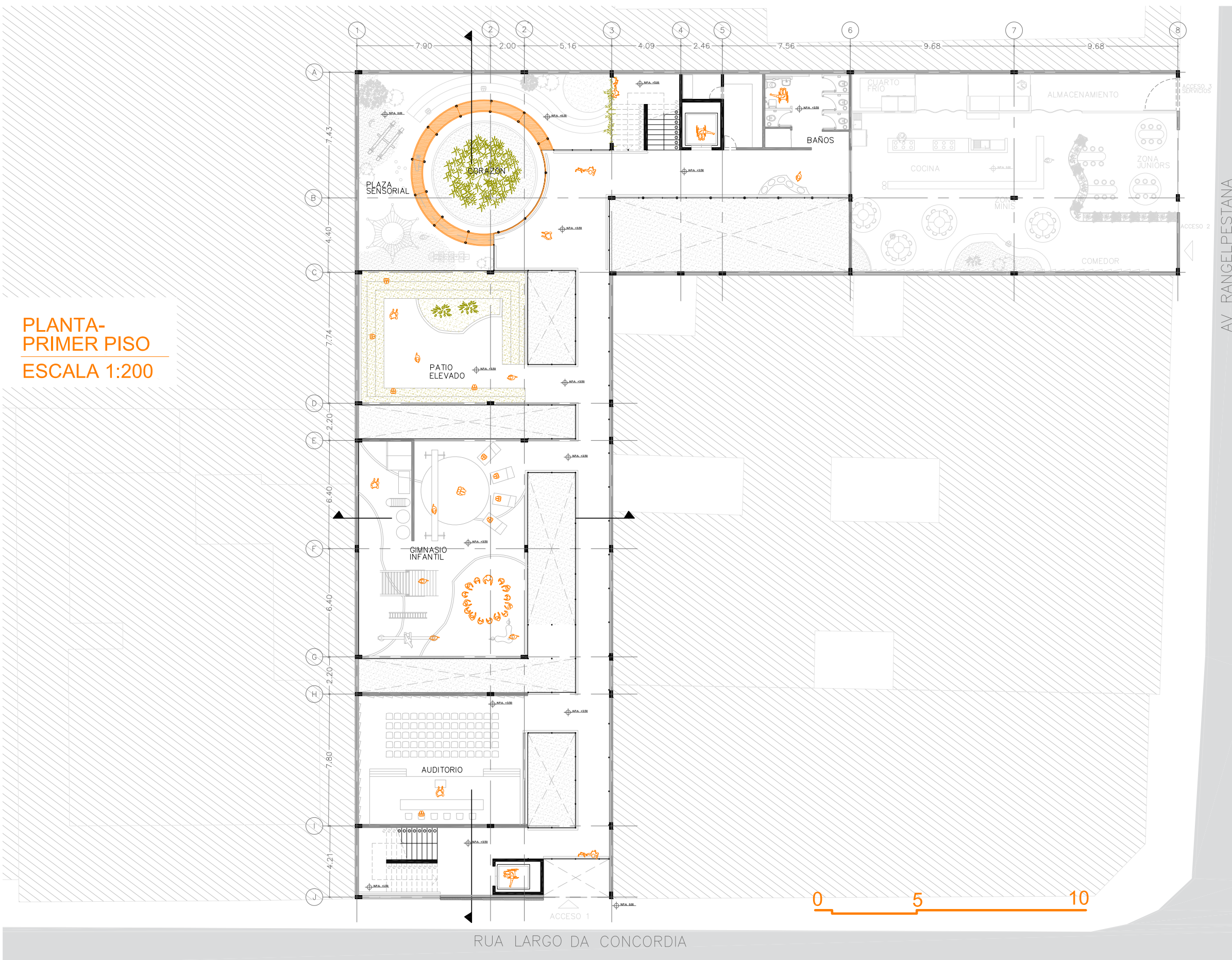
O último nível abriga as salas de 5 e 6 anos do Módulo Acadêmico, localizadas a 7 metros de altura, e seus respectivos anexos: Sala Criadores e Sala Lógica, situadas a 6,5 metros.

Dando continuidade ao processo de desenvolvimento, propõe-se a implantação de uma biblioteca infantil, com mobiliário adequado às crianças.

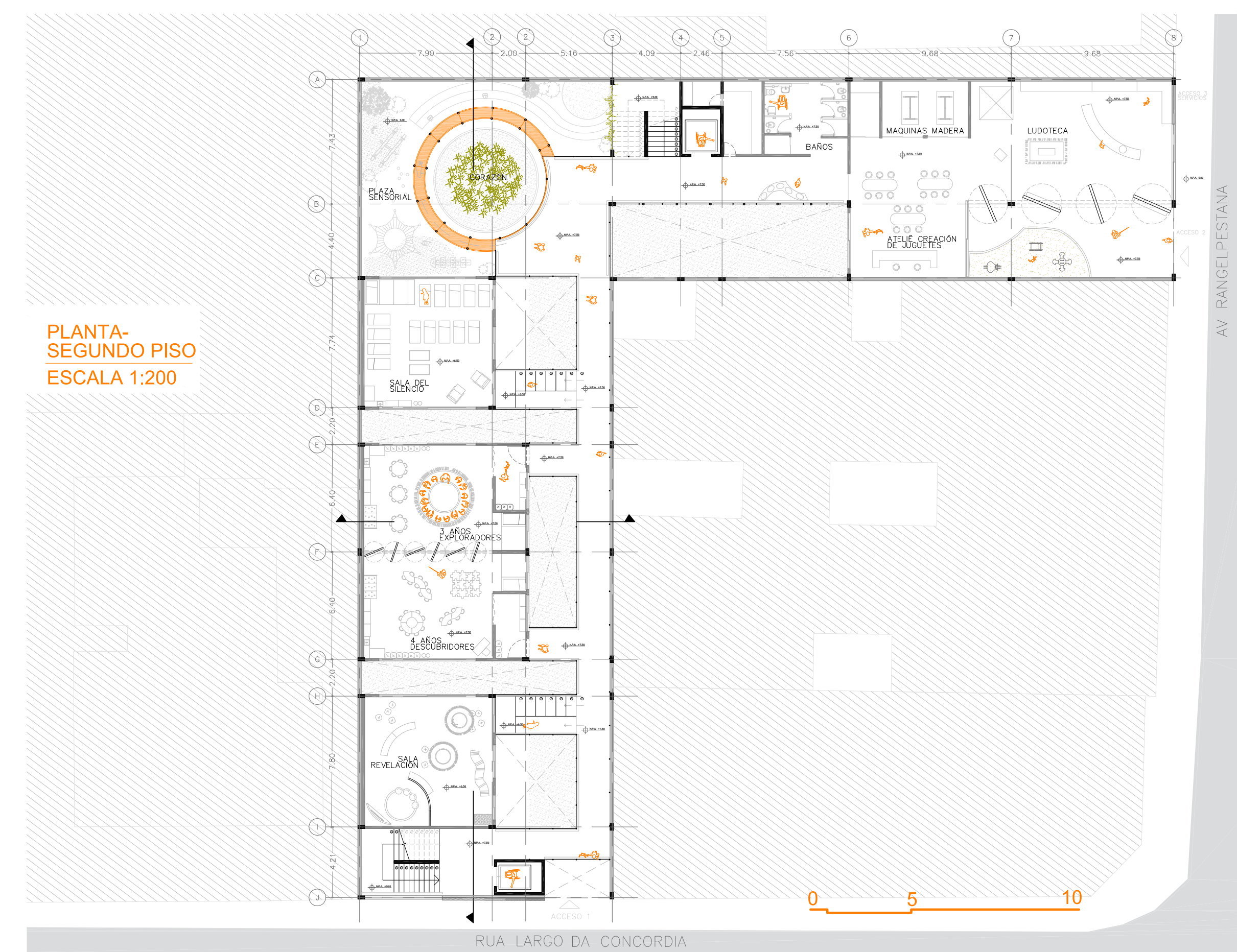
A biblioteca se divide em três ambientes: salas de estudo abertas para trabalhos em grupo, salas privativas e um terraço com espelho d'água de até 20 cm de profundidade – permitindo que as crianças molhem os pés. Este último espaço é totalmente aberto, com cobertura apenas nas salas fechadas.

Através da planimetria, observa-se como este é um projeto que promove relações em planta – com jardins que se estendem da Praça Largo da Concórdia até o Pátio Coração – e em corte, utilizando a técnica para permitir a passagem da água, da luz e da ventilação vertical em direção aos jardins internos.

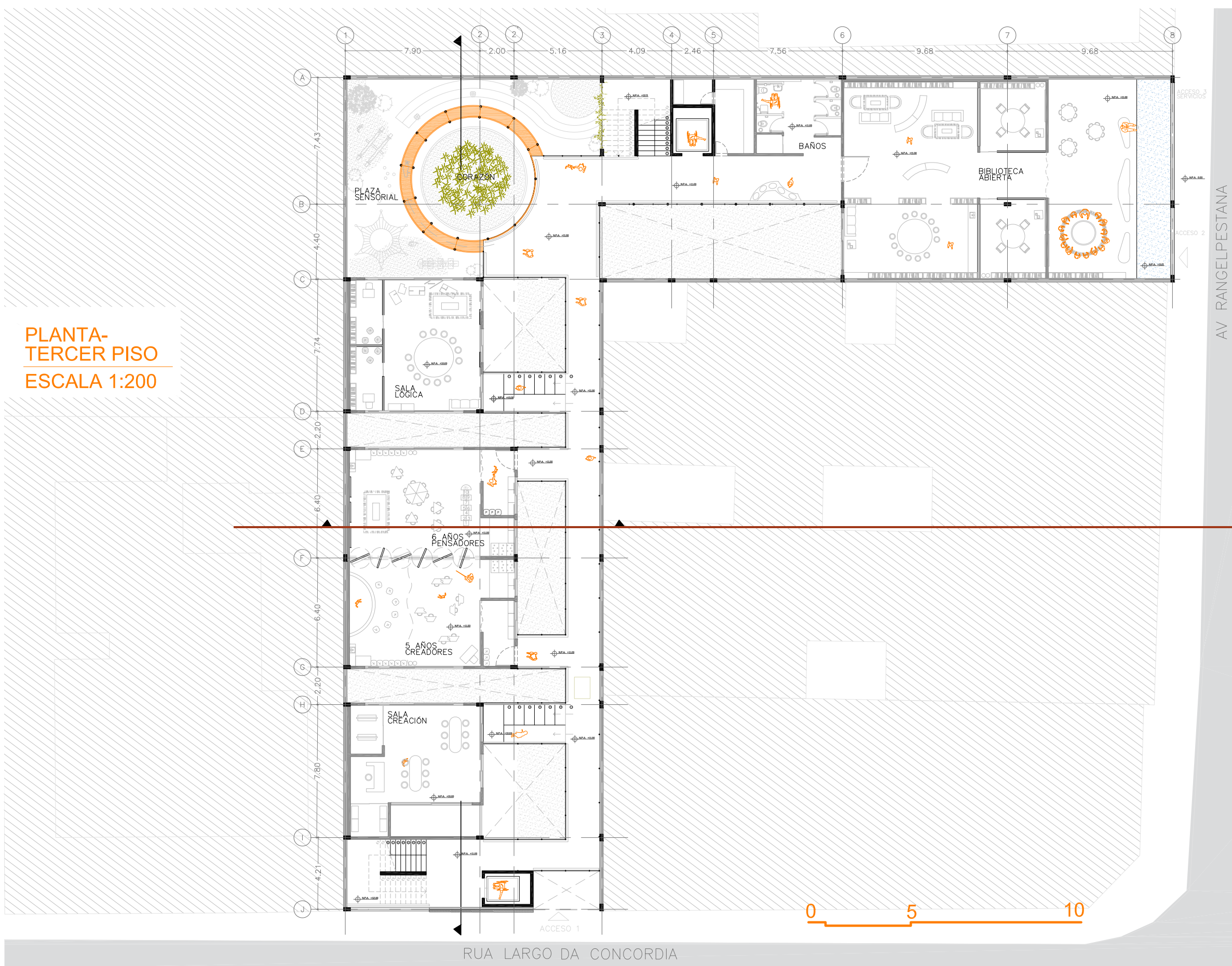




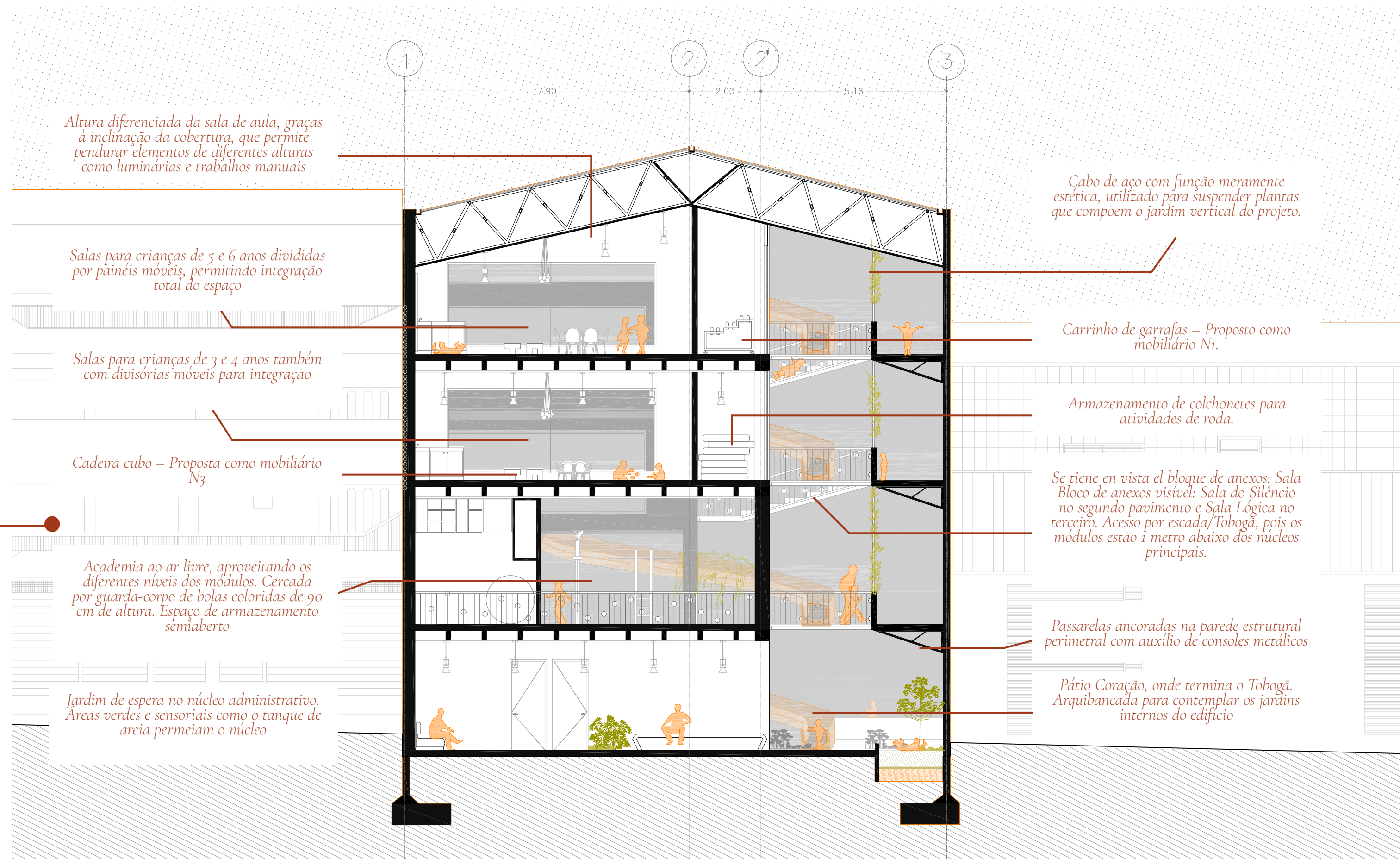
PLANTA-PRIMER PISO
ESCALA 1:200



PLANTA-SEGUNDO PISO
ESCALA 1:200



PLANTA-
TERCER PISO
ESCALA 1:200



Altura diferenciada da sala de aula, graças à inclinação da cobertura, que permite pendurar elementos de diferentes alturas como luminárias e trabalhos manuais

Salas para crianças de 5 e 6 anos divididas por painéis móveis, permitindo integração total do espaço

Salas para crianças de 3 e 4 anos também com divisórias móveis para integração

Cadeira cubo – Proposta como mobiliário N₃

Academia ao ar livre, aproveitando os diferentes níveis dos módulos. Cercada por guarda-corpo de bolas coloridas de 90 cm de altura. Espaço de armazenamento semiaberto

Jardim de espera no núcleo administrativo. Áreas verdes e sensoriais como o tanque de areia permeiam o núcleo

Cabo de aço com função meramente estética, utilizado para suspender plantas que compõem o jardim vertical do projeto.

Carrinho de garrafas – Proposta como mobiliário N₁.

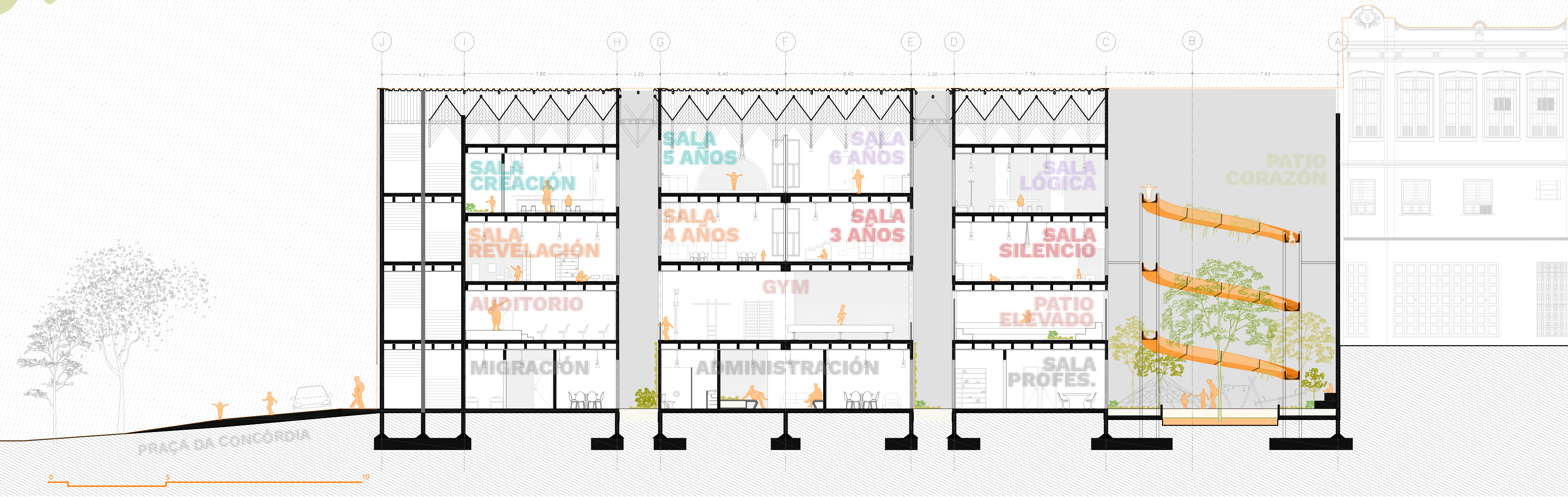
Armazenamento de colchonetes para atividades de roda.

Se tiene en vista el bloque de anexos: Sala Bloco de anexos visível: Sala do Silêncio no segundo pavimento e Sala Lógica no terceiro. Acesso por escada/Tobogã, pois os módulos estão 1 metro abaixo dos núcleos principais.

Passarelas ancoradas na parede estrutural perimetral com auxílio de consoles metálicos

Pátio Coração, onde termina o Tobogã. Arquibancada para contemplar os jardins internos do edifício

CORTE
B-B
ESCALA 1:100



CORTE A-A ESCALA 1:100

O projeto estrutura-se a partir de uma lógica técnica clara, modular e expressiva, que valoriza tanto a flexibilidade funcional quanto a abertura para os jardins internos.

Cobertura.

Uma telha ondulada de alumínio pintada na cor vermelha com 0,5 mm de espessura finaliza o sistema. Leve e refletiva, é protegida contra a umidade e de fácil manutenção.

Treliça metálica espacial.

Sob a cobertura, uma treliça metálica espacial de aço com 1 metro de altura suporta vãos de até 9,70 m. É composta por vergalhões de Ø1,5" (38,1 mm), dispostos tridimensionalmente, com vazios estratégicos que permitem a entrada de luz e o crescimento de jardins internos.

Circulação vertical.

Os núcleos de circulação vertical são compostos por escadas em U com 30 pisos e 18 espelhos, conectando desníveis de 3,50 m entre pavimentos. Incorpora-se ainda um elevador de 2x2 m, garantindo acessibilidade universal.

Estrutura em pórticos.

O edifício apoia-se sobre um sistema de pórticos em concreto armado, composto por pilares de 20x40 cm e vigas com altura de 50 cm, permitindo vencer vãos de até 9,70 m e uma altura máxima de pilar de 15 m, o que confere uma leitura clara da modulação estrutural.

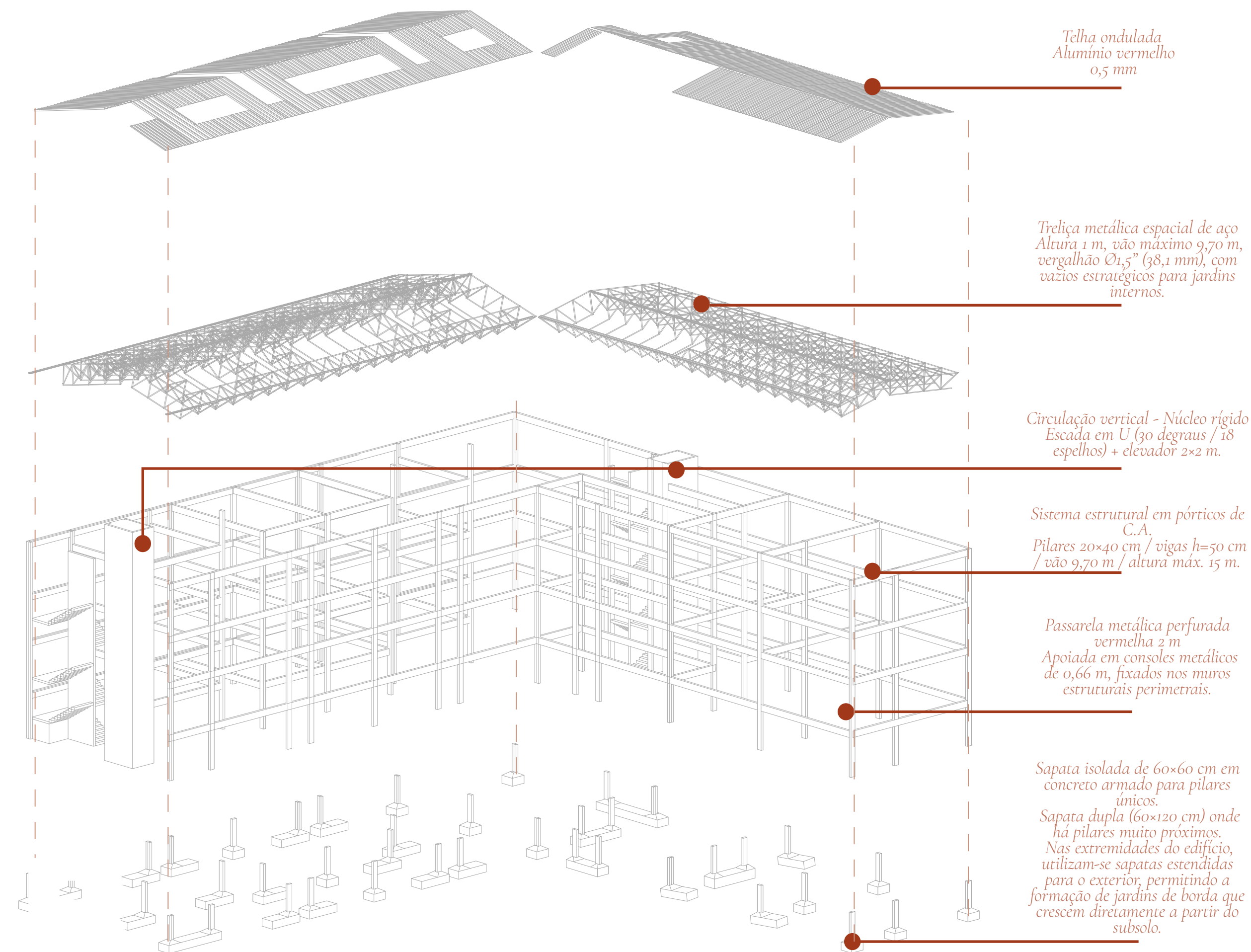
Passarelas.

As passarelas metálicas perfuradas, com 2 metros de largura, compõem a circulação horizontal. São construídas em chapa metálica vermelha e apoiadas em consoles metálicos de 66 cm de profundidade

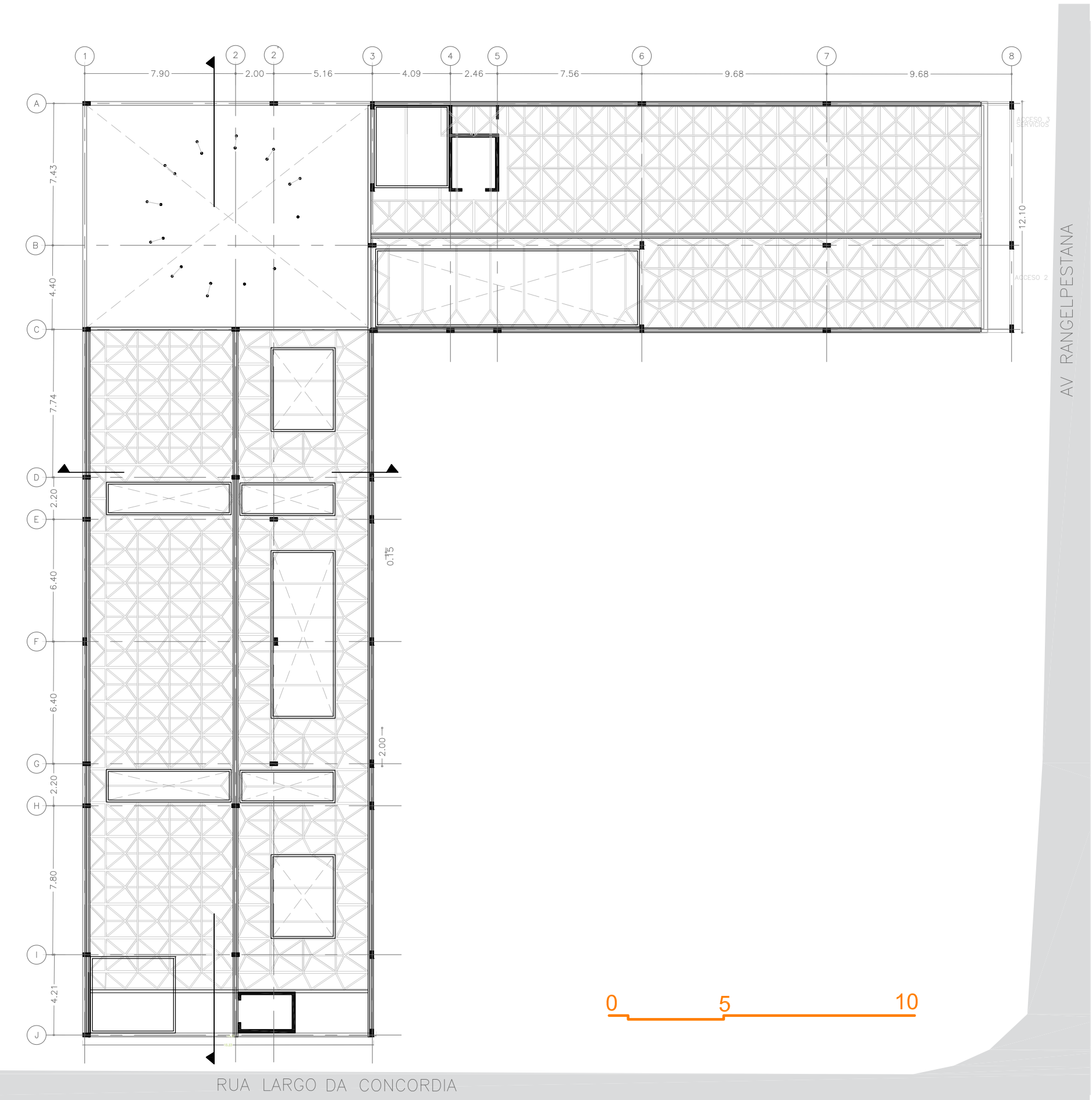
fixados nos muros perimetrais, o que permite liberar o espaço abaixo delas e reforçar a leitura longitudinal do projeto.

Fundação.

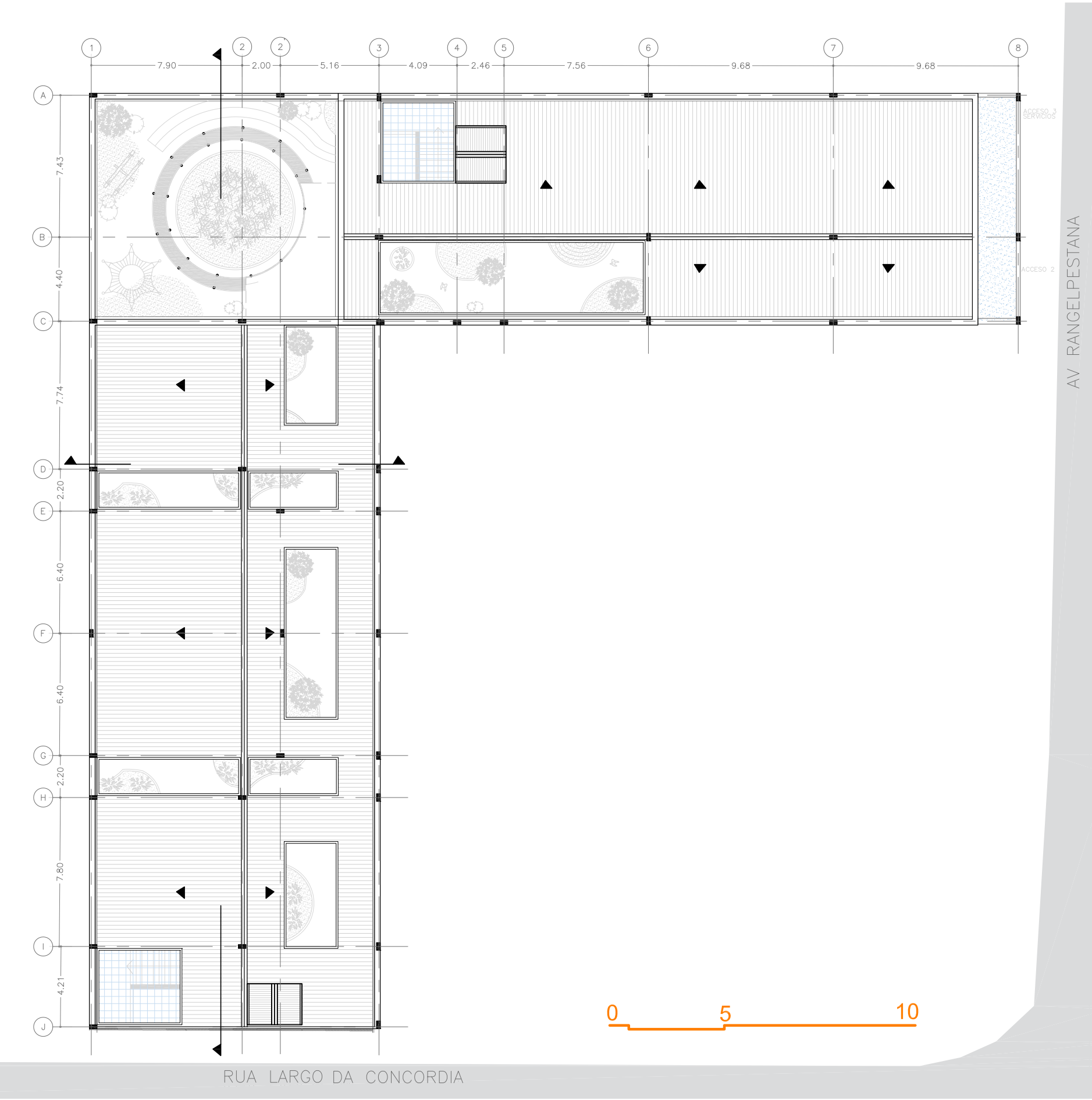
O sistema de fundações resolve-se por meio de sapatas isoladas de 60x60 cm em concreto armado. Nos pontos onde há pilares próximos, utilizam-se sapatas duplas de 60x120 cm. Nas bordas do edifício, algumas sapatas estendem-se para o exterior, formando áreas de solo profundo que possibilitam o crescimento de jardins em contato direto com o solo natural.

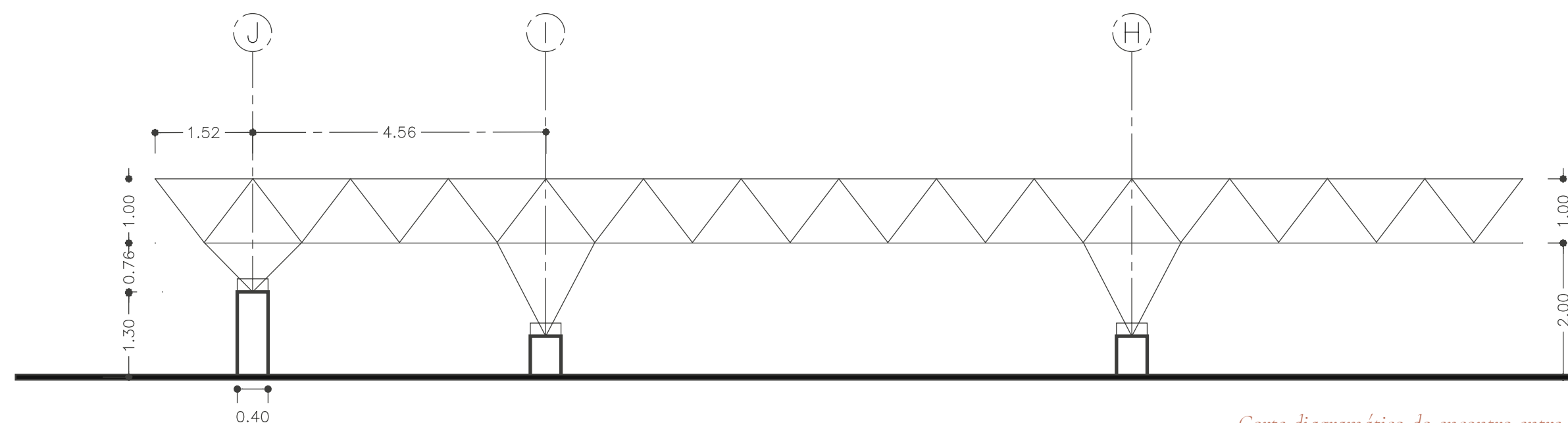
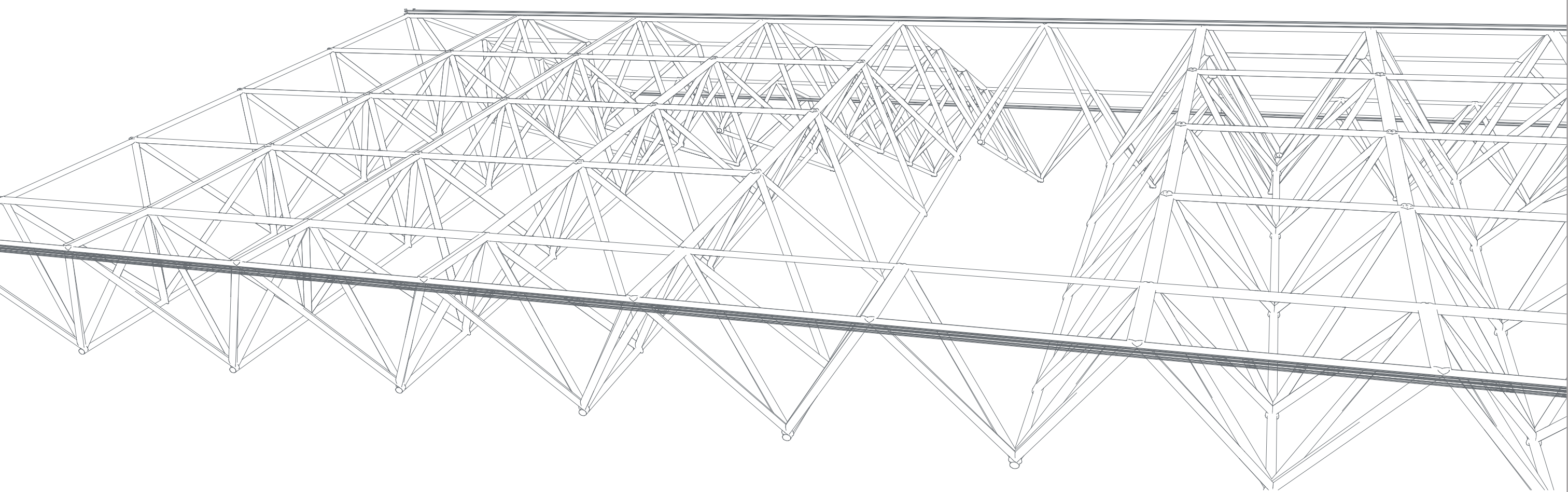


PLANTA-ESTRUCTURAL CUBIERTA ESCALA 1:200



PLANTA-CUBIERTA ESCALA 1:200





Corte diagramático do encontro entre a treliça espacial e o pilar de concreto nos eixos J, I e H

A leveza da cobertura

Propõe-se *uma treliça espacial metálica* de aço com configuração *tridimensional* para vencer *vãos de até 9,70 metros*, otimizando seu desempenho estrutural mediante uma distribuição eficiente de forças em três dimensões.

A treliça possui *altura constante de 1,00 metro* e é formada por uma *malha de vergalhões de aço Ø1,5" (38,1 mm)*, soldados entre si para compor uma malha espacial com *geometria tetraédrica*. Essa configuração proporciona *rigidez estrutural*, estabilidade frente às cargas gravitacionais e resistência contra ações laterais, como *o vento* – fundamentais para a durabilidade e segurança do conjunto.

O sistema de treliças posiciona-se diretamente sob a *telha ondulada de alumínio vermelho de 0,5 mm*, permitindo uma estrutura *leve e eficiente*, capaz de sustentar o sistema de cobertura com grande estabilidade e durabilidade.

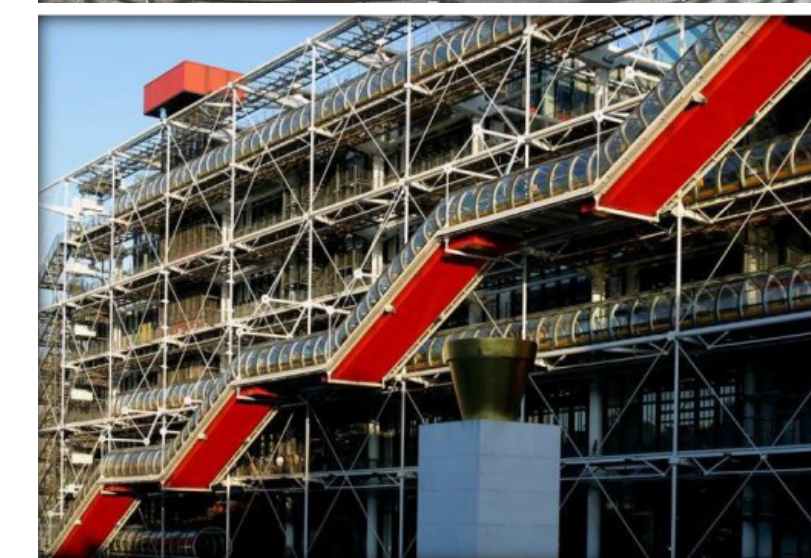
As treliças apoiam-se sobre *pilares de concreto armado com seção de 20x40 cm*, integrados ao sistema estrutural geral do edifício. O espaçamento entre alguns pilares, como indicado no corte, é de 4,58 metros, e as treliças vencem todo o vão sem necessidade de apoios intermediários.

Um dos aspectos mais notáveis do projeto é a incorporação de *vazios estrategicamente localizados entre os nós da treliça*.

Esses vazios não apenas *aliviam o peso da estrutura*, como também permitem a entrada de *luz natural*, *ventilação cruzada* e o crescimento de vegetação nos *jardins internos* e em altura, reforçando a intenção do projeto de diluir os limites entre interior e exterior.



Treliça espacial do Pavilhão Anhembi em São Paulo, Brasil



Treliça espacial do Centre Georges Pompidou em Paris, França



Treliça espacial da Escola Secundária de Koudougou em Burkina Faso

Dar vida aos espaços propostos por meio da colagem, do recorte, do desenho e da sobreposição de técnicas permite que uma arquitetura como a deste projeto ganhe sentido. Essas representações não apenas ilustram, mas encarnam a atmosfera vivencial do lugar, projetando como podem ser sentidos e vivenciados os espaços de Um Segundo Hogar pela perspectiva daqueles que mais os habitam: as infâncias.

Os recortes mostram ambientes internos carregados de intenção, onde os elementos arquitetônicos principais — como Tobogãs, passarelas metálicas vermelhas, pé-direitos duplos e triplos, e jardins internos — entrelaçam-se com o corpo em movimento das crianças, configurando uma arquitetura lúdica, aberta e profundamente pensada para elas.

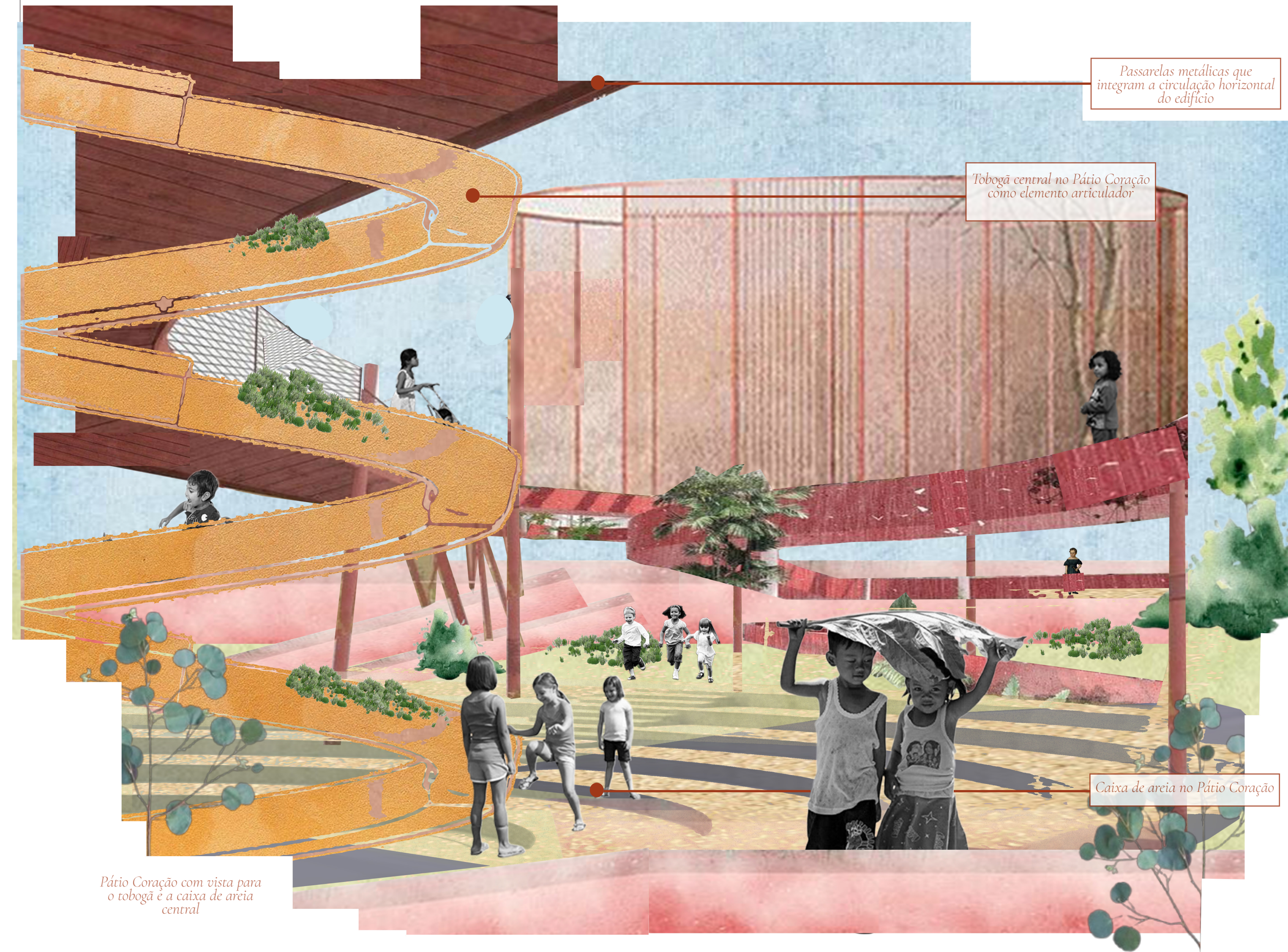
Essas imagens também evidenciam elementos secundários que enriquecem o uso cotidiano: espelhos instalados à altura do olhar infantil; janelas com peitoris baixos, adaptados a uma média de 95 cm para que possam olhar para fora com facilidade; painéis giratórios que funcionam como quadros móveis, superfícies de exposição, jogo ou aprendizado. Tudo isso transforma as salas em espaços interativos, versáteis e afetivos.

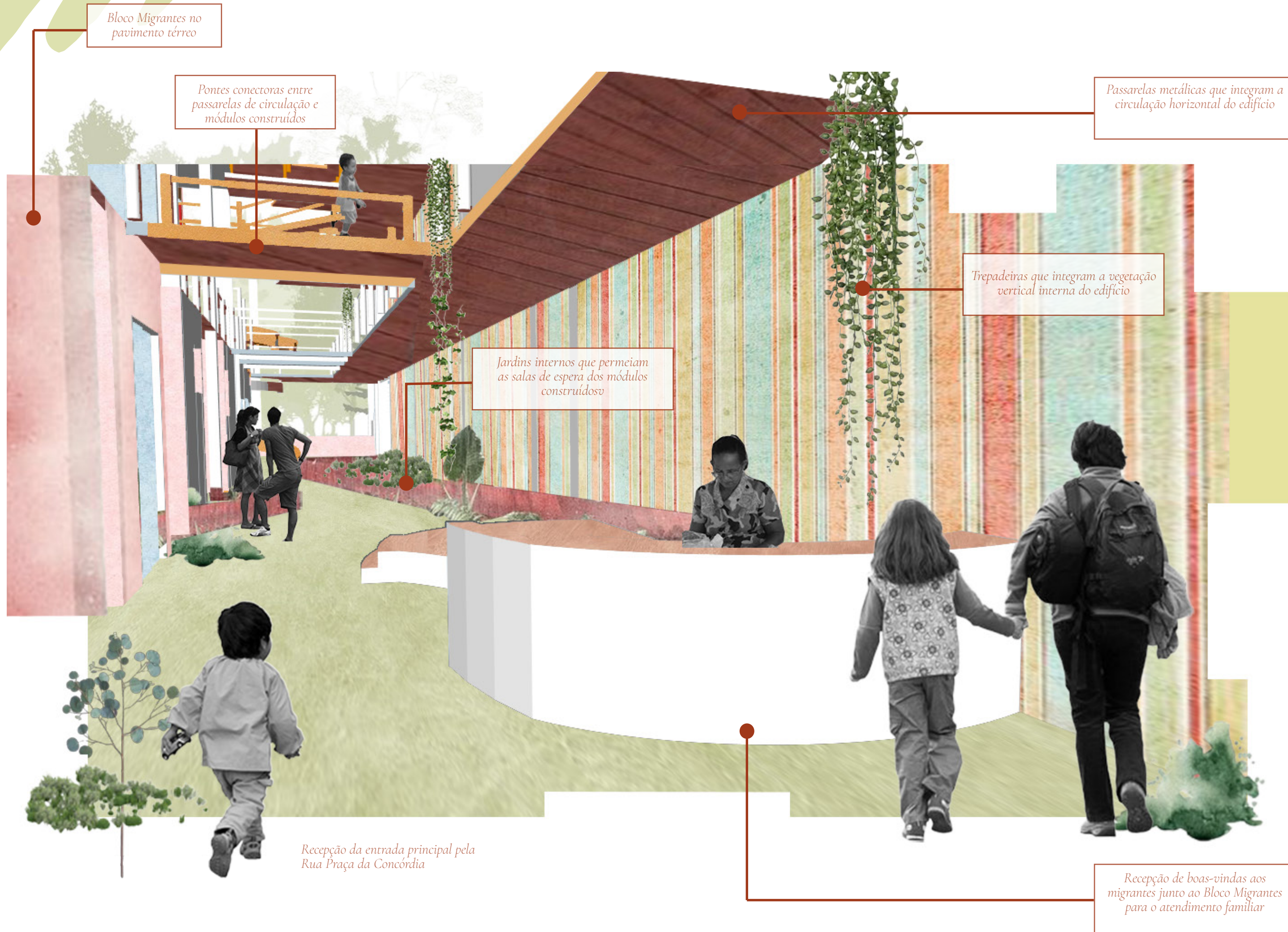
A presença de telas metálicas coloridas sobrepostas, tanto no muro perimetral principal quanto nas fachadas laterais, confere uma qualidade têxtil à arquitetura. Essas telas criam uma sensação de tecido contínuo, vibrante e cromático, evocando as cores do entorno urbano imediato. Nas fachadas laterais, esse tecido é pendurado e fixado sobre painéis de madeira, revelando parcialmente a materialidade que há

por trás, em um gesto de transparência e diálogo com o contexto. Conceitualmente, esses materiais inspiram-se naqueles já existentes no bairro, integrando-se à sua linguagem sem perder a especificidade do projeto.

Os dois extremos da fachada principal são resolvidos com grandes vãos envidraçados, que permitem uma relação direta entre o interior e o exterior. À esquerda, é visível o jogo de alturas das escadas principais; à direita, as passarelas metálicas emolduram o vazio e permitem observar o leve trânsito pelos níveis superiores. Esses vãos possibilitam que a luz natural penetre profundamente no edifício, ativando a vida interior e revelando ao entorno o que acontece dentro.

Para além do tangível, esses imaginários expressam valores invisíveis: a transparência e porosidade que evocam os panos estendidos nas casas do bairro; a leveza na circulação proporcionada por passarelas suspensas; e a presença da luz natural que se infiltra por meio de jardins integrados.





Bloco Migrantes no pavimento térreo

Pontes conectoras entre passarelas de circulação e módulos construídos

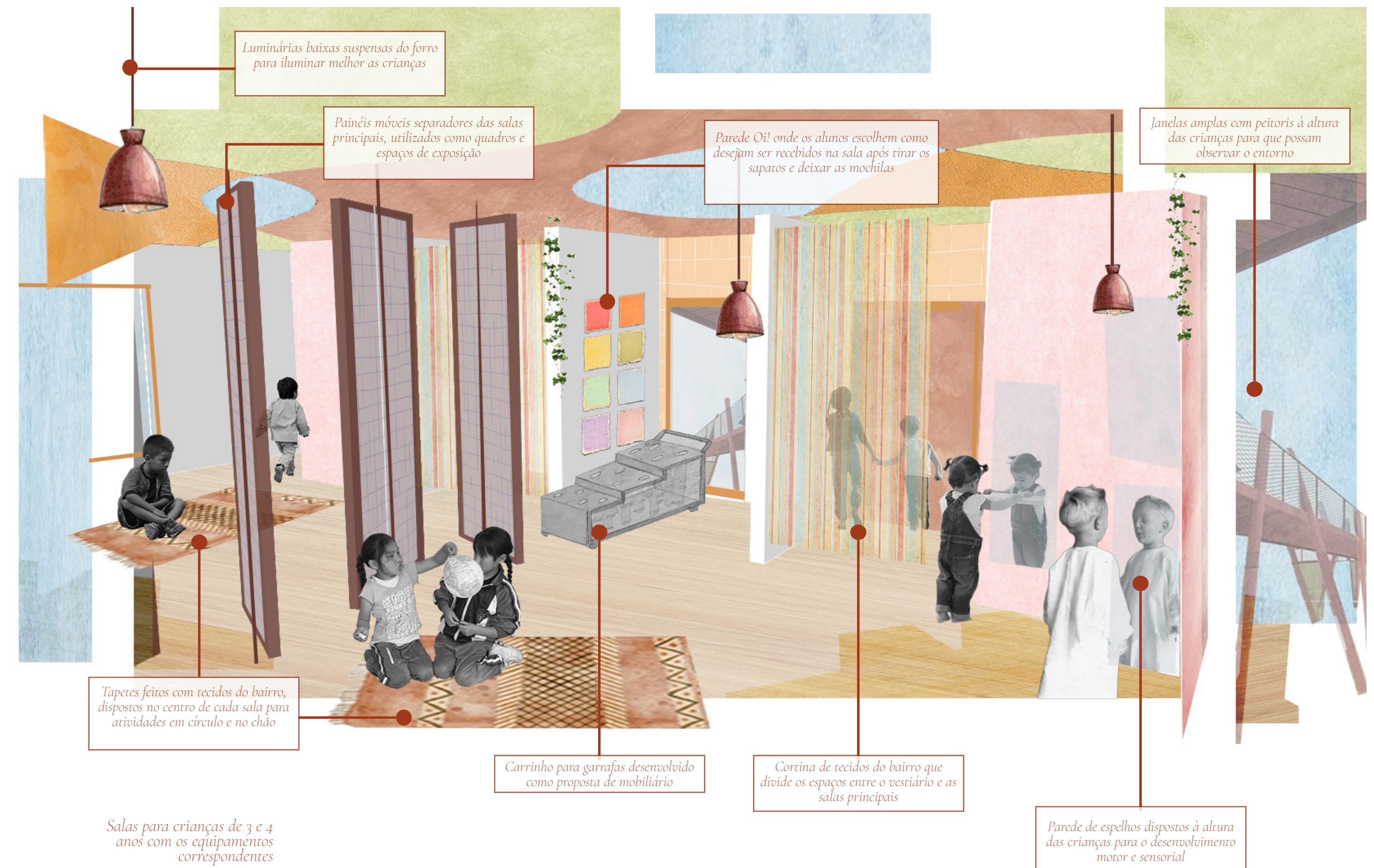
Passarelas metálicas que integram a circulação horizontal do edifício

Trepadeiras que integram a vegetação vertical interna do edifício

Jardins internos que permeiam as salas de espera dos módulos construídos

Recepção da entrada principal pela Rua Praça da Concórdia

Recepção de boas-vindas aos migrantes junto ao Bloco Migrantes para o atendimento familiar



Luminárias baixas suspensas do forro para iluminar melhor as crianças

Painéis móveis separadores das salas principais, utilizados como quadros e espaços de exposição

Parede Oi! onde os alunos escolhem como desejam ser recebidos na sala após tirar os sapatos e deixar as mochilas

Janelas amplas com peitoris à altura das crianças para que possam observar o entorno

Tapetes feitos com tecidos do bairro, dispostos no centro de cada sala para atividades em círculo e no chão

Carrinho para garrafas desenvolvido como proposta de mobiliário

Cortina de tecidos do bairro que divide os espaços entre o vestiário e as salas principais

Parede de espelhos dispostos à altura das crianças para o desenvolvimento motor e sensorial

Salas para crianças de 3 e 4 anos com os equipamentos correspondentes



Passarela metálica da circulação horizontal que permite a vigilância no refeitório por parte dos cuidadores

Janela do segundo pavimento que permite às crianças verem o que acontece na cozinha e no refeitório

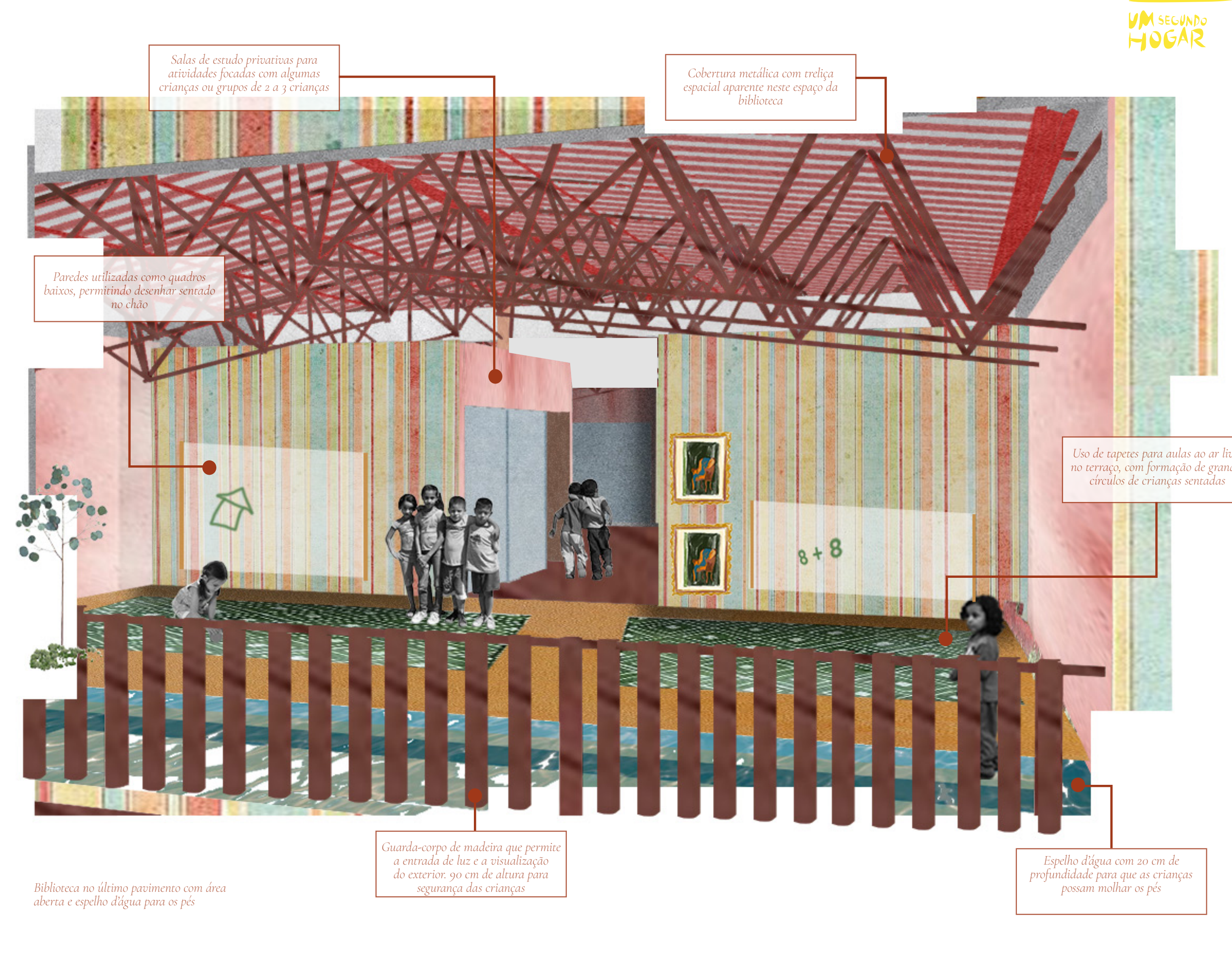
Balcão divisor entre a cozinha e o refeitório infantil, onde a comida é servida

Jardins internos que permeiam os espaços cobertos

Mesas e mobiliário projetados para grupos grandes de 8 crianças, a fim de facilitar a delimitação de grupos

Refeitório aberto com pé-direito duplo

Divisor entre a zona Júnior e a zona Mini que permite um cuidado mais direcionado e organiza o espaço



Salas de estudo privadas para atividades focadas com algumas crianças ou grupos de 2 a 3 crianças

Cobertura metálica com treliça espacial aparente neste espaço da biblioteca

Paredes utilizadas como quadros baixos, permitindo desenhar sentado no chão

Uso de tapetes para aulas ao ar livre no terraço, com formação de grandes círculos de crianças sentadas

Guarda-corpo de madeira que permite a entrada de luz e a visualização do exterior. 90 cm de altura para segurança das crianças

Biblioteca no último pavimento com área aberta e espelho d'água para os pés

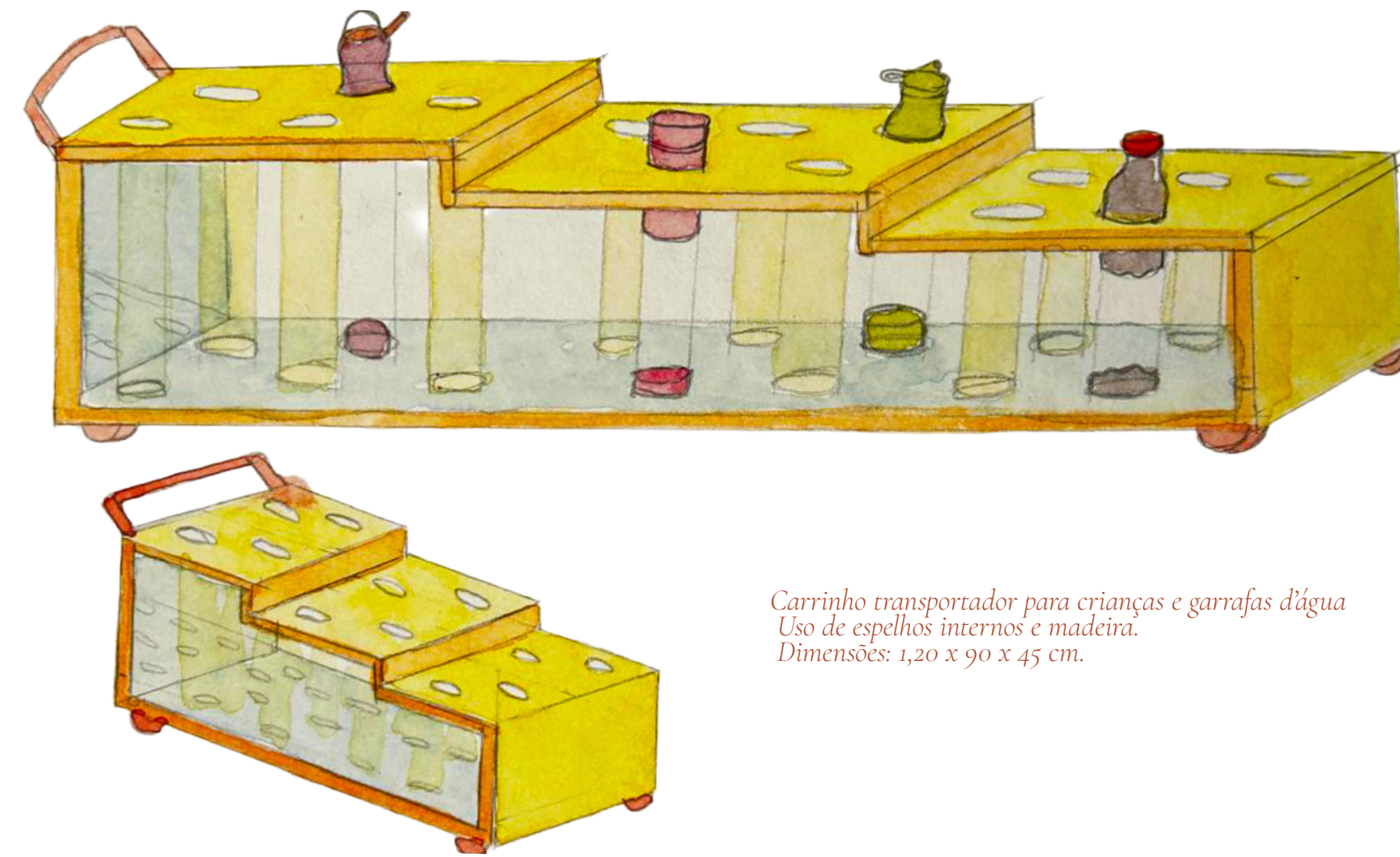
Espelho d'água com 20 cm de profundidade para que as crianças possam molhar os pés

A proposta de três elementos que compõem o mobiliário de Um Segundo Hogar surge a partir das observações realizadas nas visitas de campo; concluiu-se que existe um déficit significativo no mobiliário interno das escolas visitadas, uma vez que certos objetos presentes nas salas de aula carecem de um raciocínio arquitetônico e lúdico apropriado.

Como exemplo, cita-se um móvel destinado ao armazenamento das garrafas de água das crianças, cuja altura está fora da escala infantil, sendo adequada apenas para adultos. Propõe-se, em seu lugar, um carrinho de madeira com aberturas para acomodar as garrafas e rodas que permitam seu transporte dentro e fora da sala de aula, ideal para ser levado à praça. Este carrinho estaria repleto de estímulos sensoriais — como espelhos e entradas de luz — e permitiria às crianças se esconderem, subirem, transportarem ou até escalarem o objeto.

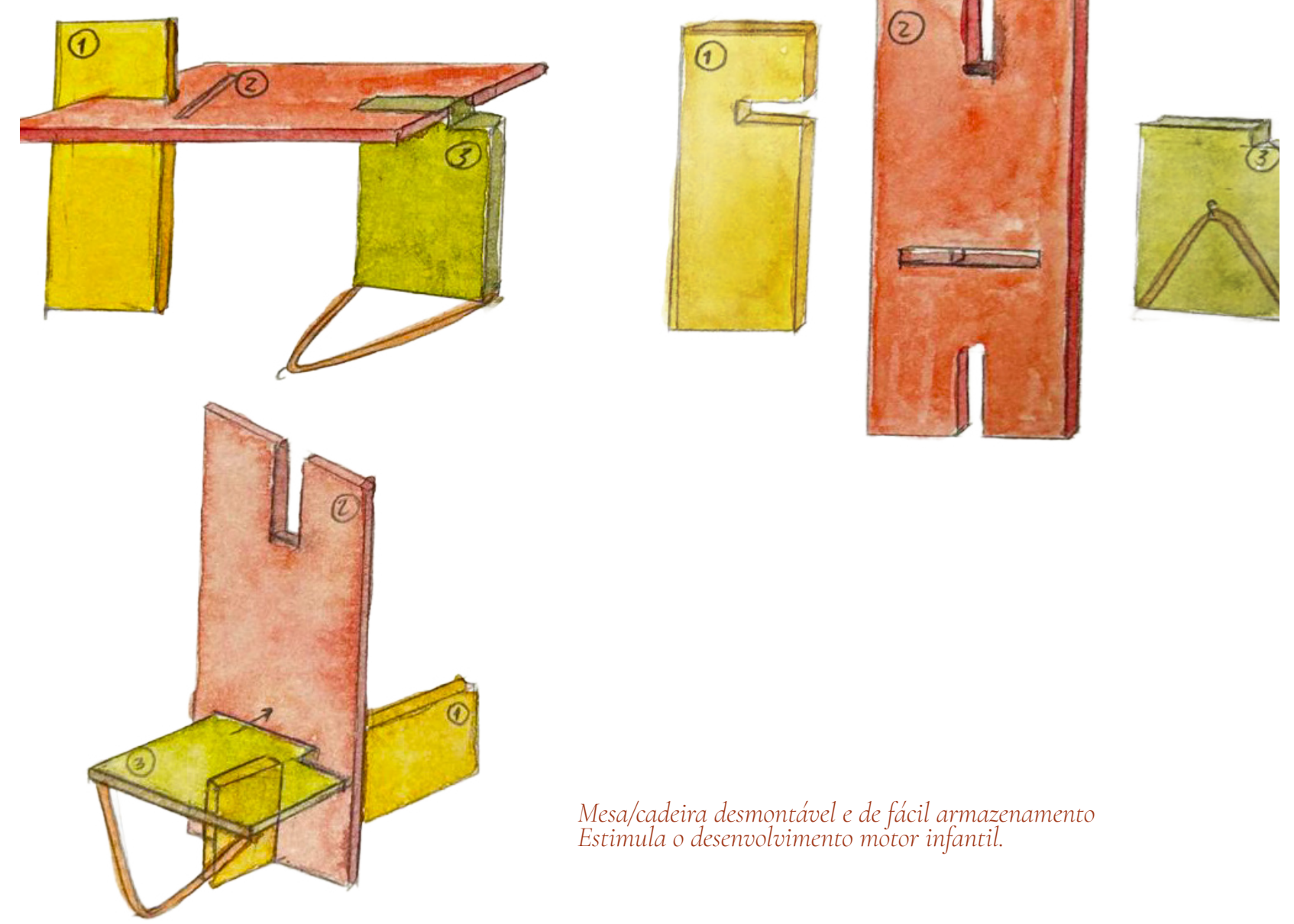
Em segundo lugar, as mesas e cadeiras das salas de aula permanecem ancoradas a um modelo educacional clássico, no qual as crianças se sentam isoladamente, sem interação livre, voltadas à atenção de um expositor ao centro da sala. Segundo as visitas, este mobiliário pouco é utilizado e, em muitos casos, é encostado contra as paredes para liberar o espaço central, permitindo que as crianças se sentem em roda no chão. Torna-se, portanto, necessário implementar mobiliário que possa ser montado, desmontado e armazenado com facilidade, mas que também contribua para o desenvolvimento cognitivo infantil — tal como um grande Lego.

Por fim, observou-se a escassez de estímulos motores dentro da sala de aula; a maioria deles está localizada apenas nos espaços externos. No entanto, seria possível propor um mobiliário multifuncional que atuasse como cadeira, mesa baixa e brinquedo — atrativo para as crianças, feito de espuma desmontável, empilhável e de fácil armazenamento.

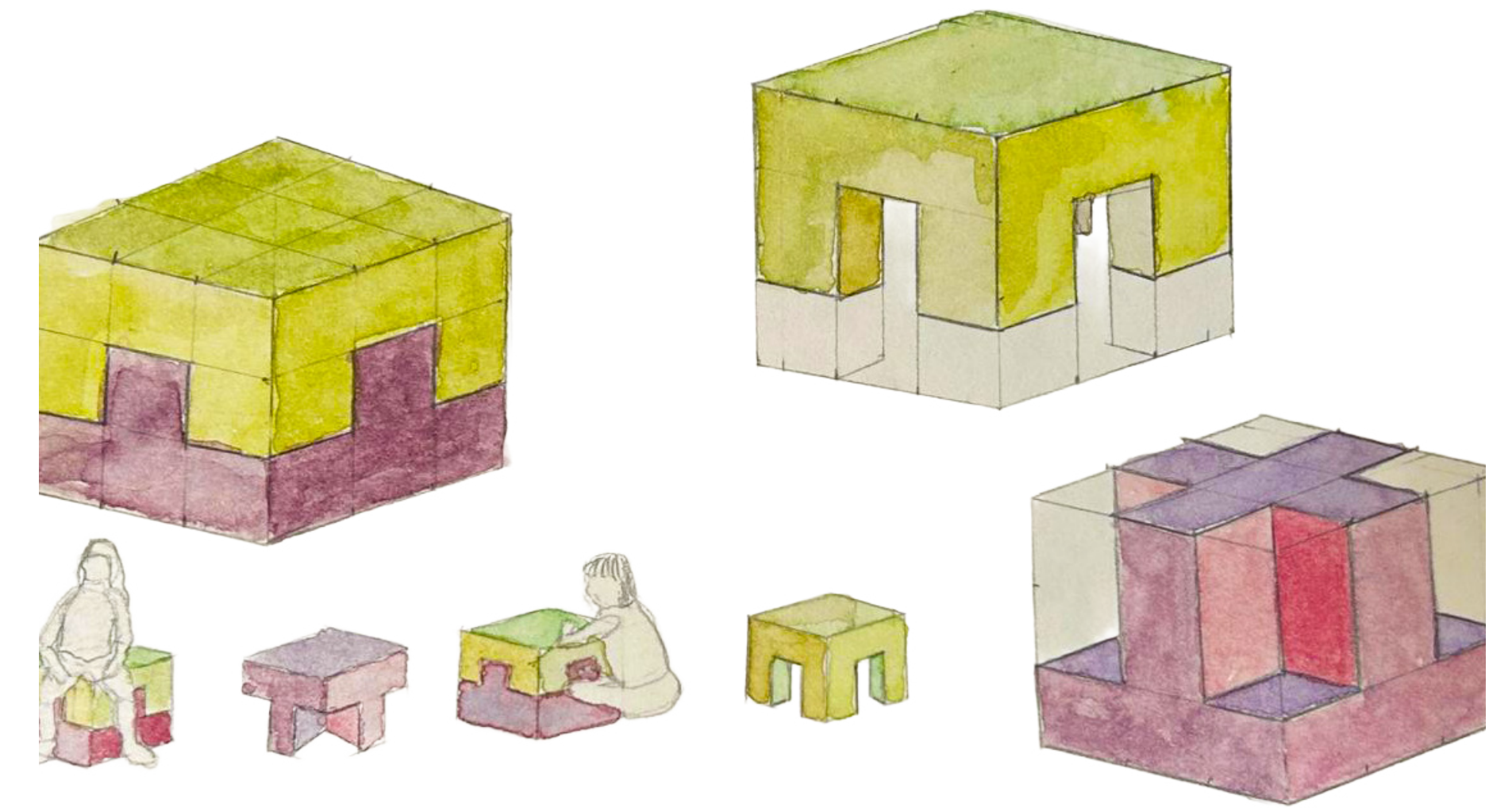


*Carrinho transportador para crianças e garrafas d'água
Uso de espelhos internos e madeira.
Dimensões: 1,20 x 90 x 45 cm.*





Mesa/cadeira desmontável e de fácil armazenamento
Estimula o desenvolvimento motor infantil.



Cadeira de espuma estilo dado
Desmontável e multifuncional: serve como cadeira, mesa, brinquedo e ferramenta de aprendizagem.



06

Conclusão

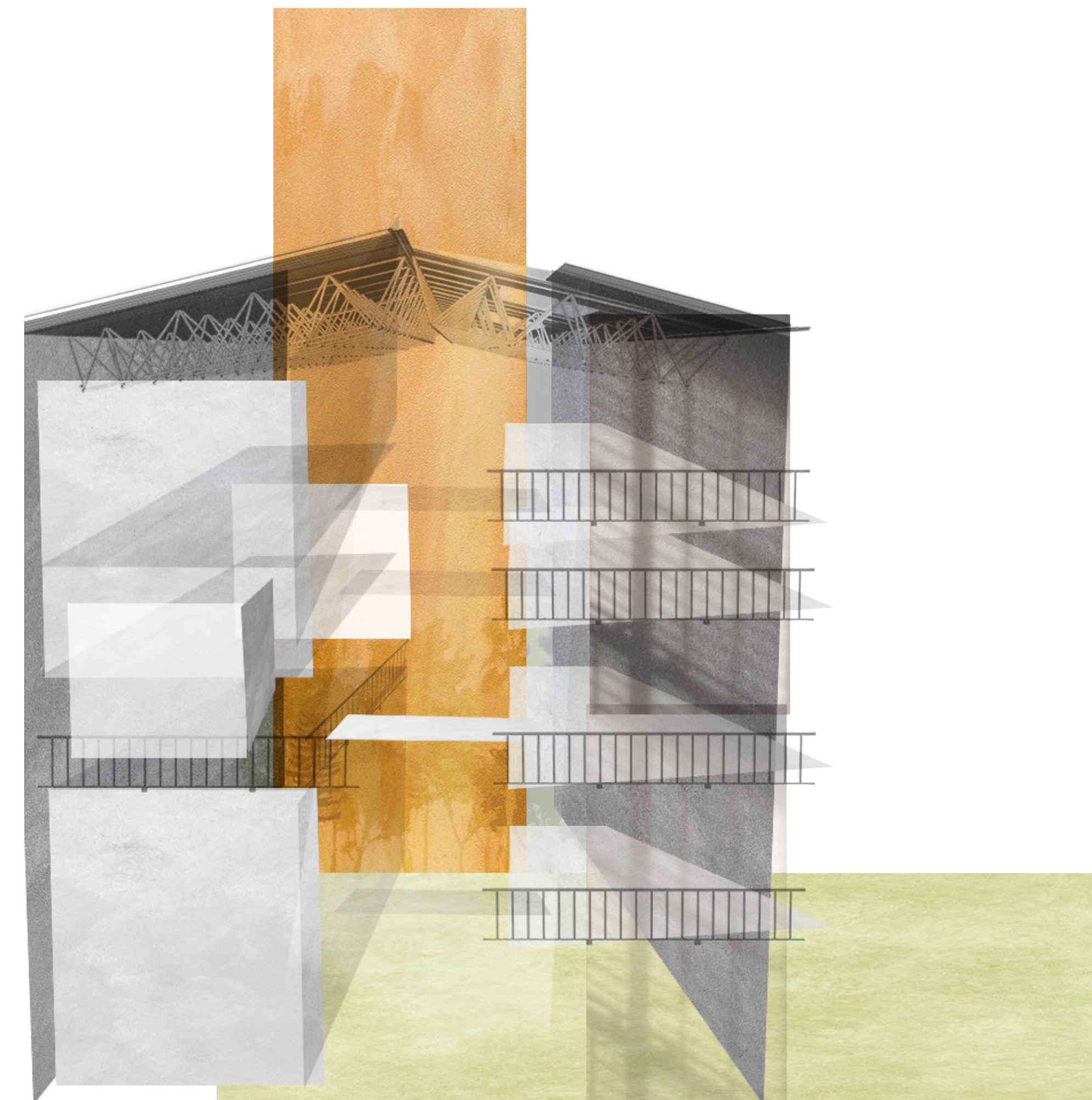
Uma arquitetura sensível é aquela que é capaz de reconhecer as dinâmicas de uma população sem a pretensão de julgá-las. Trata-se de propor ideias que, além de benéficas, sejam capazes de dialogar com os comportamentos e condições já existentes.

Um Segundo Hogar constitui-se como um manifesto em prol de espaços educativos dignos para a infância migrante, levando-nos a questionar como crianças do Sul Global enfrentam desafios tão complexos quanto a migração, muitas vezes sem dispor de um espaço de acolhimento que, além de ensiná-las matemática, lhes proporcione a sensação de estar em casa.

Estamos realmente oferecendo espaços especialmente pensados para elas? Este projeto consegue articular uma proposta espacial a um propósito social

de grande relevância, resultando em uma arquitetura que favorece o enraizamento de um ser vivo a um espaço no qual, independentemente de sua origem ou pensamento, é verdadeiramente bem-vindo.

Por fim, vale a pena questionar: de que forma estamos permitindo que as infâncias em nossos países habitem as cidades em que vivem? Que espaços estamos promovendo para elas enquanto arquitetos comprometidos com questões sociais em grandes centros urbanos como Bogotá e São Paulo?



07

Bibliografía

Belkhdja, C., & Odermatt, P. (2013). Migrant workers hinterland.

Caillois, R. (2001). Man, play and games (M. Barash, Trans.). University of Illinois Press. (Trabajo original publicado en 1958)

Ceppi, G., & Zini, M. (2013). Crianças, espaços, relações: Como projetar ambientes para a educação infantil. Editora Penso.

CentroCentro. (2021, mayo 5). Giovanna Borasi: ¿Qué es el espacio saludable? [Video]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=sS733L8EunM>

C. S. (2009). Mayumi Watanabe Souza Lima: A construção do espaço para a educação [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo]. Repositório USP. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16136/tde-26072024-102814/pt-br.php>

Dezeen. (2017, octubre 2). Fuji Kindergarten by Tezuka Architects. <https://www.dezeen.com/2017/10/02/fuji-kindergarten-tokyo-tezuka-architects-oval-roof-deck-playground/>

Escobar, A. (2016). Autonomía y diseño: La realización de lo comunal. Tinta Limón.

Escobar, A. (2018). Designs for the pluriverse: Radical interdependence, autonomy, and the making of worlds. Duke University Press.

Gabrielle, G. L. S. T. (2012). TACAO INTEGRAL. https://teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2138/tde-03092012-145034/publico/DISSERTACAO_INTEGRAL_Gabrielle_Louise_Soares_Timotco.pdf

Globo. (s.f). Vídeo incêndio em Bras. <https://globoplay.globo.com/v/5470379/>

Lefebvre, H. (1968). El derecho a la ciudad. (Versión en español disponible en <https://www.comunicacionyurbanidad.org/wp-content/uploads/2018/03/Lefebvre-El-derecho-a-la-ciudad3.pdf>)

Lima, M. W. de S. (1988). Espaços educativos: Uso e construção. MEC/CEDATE.

Lima, M. S. (1989). Cidade e a criança. Nobel.

Minguet, E. (2010). Kids design (versión 2010).

Nischimura, P. L. (2015). Parque do migrante bairro Bom Retiro.

Rabitti, G. (1999). À procura da dimensão perdida: Uma escola de infância de Reggio Emilia.

Revisión de la metodología pedagógica Reggio Emilia.

Revisión de la problemática de la migración en Brasil y de la migración Boliviana.

Stavrides, S. (2016). Common space: The city as commons. Zed Books.

TED'A Architectes, Rapin Saiz Architectes & Díaz Díaz, L. (s.f). School in Orsonnens. Divisare. <https://divisare.com/projects/387170-ted-a-architectes-rapin-saiz-architectes-luis-diaz-diaz-school-in-orsonnens>

Teixeira, A. (s.f).

Trogal, K. (s.f). Caring: Making commons, making connections.

URBAN95. (s.f).

Van Eyck, A. (s.f).

UM SEGUNDO HOGAR

Un Segundo Hogar:
Arquitetura e educação para a Infância Migrante no bairro Brás

María Ximena Peralta Falla
Trabalho de Conclusão de Curso
Projeto Integrador
2025 - 1

No âmbito da Dupla Titulação entre
Universidad del Rosario / Colômbia
Escola da Cidade / Brasil





UM SEGUNDO
HOGAR